



RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO

**REALIZADO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DR. ÂNGELO
AUGUSTO DA SILVA**

Graça Marlene Jardim Silva

CENTRO DE COMPETÊNCIAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO
MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS
ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

ORIENTADOR

Prof. Doutor José Ricardo Velosa Barreto Ferreira Alves

Funchal, Setembro 2014

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade da Madeira, com vista à
obtenção do grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básicos e
Secundário.

*“Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar
E vendo
Acordado,
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.”*

Miguel Torga, *Diário XIII*

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pelos sacrifícios que tiveram de fazer para que fosse possível obter mais um grau de educação, pelas férias que não tiveram para que os filhos tivessem uma melhor vida que a deles. Aos meus pais, pois foram eles que me deram vida e sempre me amaram como eu sou.

Aos meus sobrinhos, Sara, Afonso, Lara e Matias, por me terem feito a tia mais feliz do mundo. É um orgulho estar rodeada destas crianças e sentir que elas gostam verdadeiramente de nós.

Aos meus irmãos, Filipe, Rui e Tânia por me ajudarem a crescer e a tornar-me na pessoa que hoje sou.

À minha querida avó Conceição, minha segunda mãe!

Ao meu tio Paulo pelo seu exemplo de força e coragem perante os obstáculos da vida.

Ao Prof. Doutor Ricardo Alves, orientador científico, pela sua flexibilidade, compreensão e confiança;

Ao Mestre Adérito Nóbrega orientador cooperante, pela sua disponibilidade e amizade.

In memoriam de Fernanda Camacho.

Resumo

O relatório de estágio (RE) pretende abordar todos os processos inerentes à Prática de Estágio, desde o planeamento à realização, do controlo à reflexão das diferentes atividades desenvolvidas durante o ano letivo referente à Prática de Estágio Supervisionada (PES), incluída no 2º ciclo de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física e Desporto nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade da Madeira.

Este RE refere-se à PES realizada no ano letivo 2013/2014 na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, numa turma de 3.º Ciclo (8.º ano), atribuída ao Professor Orientador Cooperante. O núcleo de estágio foi composto por dois alunos estagiários e dois professores orientadores: o orientador pedagógico, professor da instituição acolhedora e o orientador científico, docente da Universidade da Madeira.

Este documento está dividido em oito capítulos. No primeiro, procedemos ao enquadramento da PES, estando aqui inseridos a caracterização da escola, assim como a caracterização da turma atribuída para o nosso processo de estágio. O capítulo seguinte refere-se a toda a dinâmica envolvida na Gestão do Processo Ensino-Aprendizagem, analisando aprofundadamente as questões inerentes ao seu planeamento, realização e controlo. Ainda neste capítulo, abordamos todo o trabalho realizado ao nível da Assistência e Observação das Aulas do nosso colega estagiário e do orientador cooperante. O capítulo número três abarca as atividades de Intervenção na Comunidade Escolar desenvolvidas na continuidade das atividades anuais estipuladas pelo Grupo Disciplinar de Educação Física (GDEF). O quarto capítulo envolve as Atividades de Integração no Meio, nomeadamente o Estudo de Caso desenvolvido e a Ação de Extensão Curricular realizada. Já o quinto capítulo desenvolve todo o trabalho realizado no âmbito das Atividades de Natureza Científico-Pedagógica Individual, referente às Estratégias de Ensino das Atividades Rítmicas Expressivas; e Coletiva, abordando diversas questões inerentes ao Programa Nacional de Educação Física (PNEF), mais precisamente às problemáticas referentes às matérias Nucleares e Alternativas. No sexto capítulo são referidas todas as atividades sem caráter obrigatório desenvolvidas ao longo do ano letivo. O penúltimo capítulo é referente às considerações finais e por fim, o oitavo capítulo relacionado com as Recomendações para um futuro próximo.

Palavras – Chave: Prática de Estágio Supervisionada, Processo Ensino-Aprendizagem, Educação Física, Reflexão, Escola

Abstract

The internship report (IR) aims to explain all the processes inherent in Practice Stage, from planning to completion, control and reflection about different activities during the school year regarding the Internship Supervised Practice (ISP), included in the 2nd cycle studies of the Master in Teaching Physical and Sports Education for the Primary and Secondary Schools at the University of Madeira.

This IR refers to the ISP conducted in the academic year 2013/2014 in Primary and Secondary School Dr. Ângelo Augusto da Silva, with a third cycle class (8^o2), assigned to the Cooperating Teacher Advisor. The training group was composed of two student interns and two faculty advisers: the pedagogical advisor, professor at the host institution and scientific advisor, Professor at the University of Madeira.

This document is divided into eight chapters. In the first, we proceeded to explain the ISP framework, inserting the characterization of the chosen school, as well as the characterization of the class assigned to us. The following chapter refers to all the dynamics involved in the management of the Teaching-Learning Process, thoroughly analyzing the issues involved in their planning, implementation and control. Also in this chapter, we cover all the work done at the level of Assistance and Observation of lessons of our fellow trainee and cooperative guiders. The number three chapter includes the activities of Intervention in the school community developed in the continuity of annual activities stipulated by the Physical Education Disciplinary Group (PEDG). The fourth chapter involves the Integration Activities in the environment, including the developed Case Study and the Activities and Curriculum Extension Action. Already the fifth chapter develops all the work done within the activities of Scientific-Pedagogical Activities of Individual Nature, regarding strategies for Teaching Expressive Rhythmic Activities; addressing several issues related to the Physical Education National Program of (PENP), more precisely the problematic of using Alternative Subjects. In the sixth chapter are referred all activities without mandatory character developed throughout the school year. The penultimate chapter is referring to the conclusions and finally, the eighth chapter related to the Recommendations for the near future.

Key - Words: Internship Supervised Practice, Teaching-Learning Process, Physical Education, Reflection, School.

Résumé

Le rapport de stage (RS) vise à expliquer tous les processus inhérents à la phase pratique, de la planification à la réalisation, contrôler le reflet de différentes activités au cours de l'année scolaire en ce qui concerne le stage pratique supervisée (SPS), inclus dans le 2ème cycle études de maîtrise en enseignement en éducation physique et le sport dans l'enseignement primaire et secondaire à l'Université de Madère.

Ce RS se réfère aux SPS menées durant l'année scolaire 2013/2014 en école primaire et secondaire Dr. Angelo Augusto da Silva, une classe de troisième cycles (8º2), attribuées au conseiller enseignant associé. Le groupe de formation était composée de deux stagiaires et deux conseillers de la faculté: le conseiller pédagogique, professeur à l'institution d'accueil et conseiller scientifique, professeur à l'Université de Madère.

Ce document est divisé en huit chapitres. Dans le premier, nous avons procédé à le cadre du PSE, étant l'école de caractérisation ici inséré, ainsi que la caractérisation de la classe assignée à la phase de notre processus. Le chapitre suivant se réfère à toutes les dynamiques impliquées dans la gestion du processus d'enseignement et d'apprentissage, l'analyse approfondie des questions liées à la planification, la mise en oeuvre et de contrôle. Toujours dans ce chapitre, nous couvrons tout le travail effectué au niveau de l'assistance et de l'observation des leçons de notre collègue stagiaire et l'orientation coopérative. Le troisième chapitre comprend les activités d'intervention dans la communauté scolaire développé dans la continuité des activités annuelles prévues par le Groupe de discipline de l'éducation physique (gdef). Le quatrième chapitre concerne les activités d'intégration dans le milieu, y compris les pays développés et d'action Curriculum Extension étude de cas a eu lieu. Le cinquième chapitre développe déjà tout le travail effectué au sein des activités de nature scientifique et pédagogique unique liés aux stratégies pour l'activité d'enseignement expressif rythmique collective et portant sur plusieurs questions relatives au Programme national d'éducation physique (PNEF), plus précisément aux problèmes quant aux questions nucléaires et alternatives. Dans le sixième chapitre sont appelés à toutes les activités sans caractère obligatoire développé tout au long de l'année scolaire. L'avant-dernier chapitre se réfère aux conclusions et, enfin, le huitième chapitre lié aux recommandations pour l'avenir proche.

Mots-Clés: Stage pratique sous surveillance, processus d'enseignement-apprentissage, l'éducation physique, Réflexion, École.

Resumen

El Reporte de Pasantía (RP) tiene como objetivo explicar todos los procesos inherentes a prácticas en empresas, desde la planificación hasta su finalización, controlar el reflejo de diferentes actividades durante el año escolar con respecto a la pasantía práctica supervisada (PPS), incluido en el segundo ciclo estudios de la Maestría en Enseñanza de Educación Física y Deporte en la Educación Primaria y Secundaria de la Universidad de Madeira.

Este RP se refiere a los PPS realizados en el año académico 2013/2014 en Primaria y Secundaria Dr. Angelo Augusto da Silva, una clase de tercer ciclo (8º2), asignados al Asesor maestro cooperador. El grupo de entrenamiento se compone de dos pasantes y dos asesores de la facultad: el asesor pedagógico, profesor de la institución anfitriona y asesor científico, profesor de la Universidad de Madeira.

Este documento si encuentra dividido en ocho capítulos. En la primera, se procedió al marco PPS, siendo la escuela la caracterización aquí insertada, así como la caracterización de la clase asignada a la etapa de nuestro proceso. El siguiente capítulo se refiere a todas las dinámicas que intervienen en la gestión del proceso de enseñanza-aprendizaje, analizando a fondo los temas involucrados en la planificación, ejecución y control. También en este capítulo, cubrimos todo el trabajo realizado en el ámbito de la asistencia y observación de clases de nuestros compañeros en prácticas y orientación cooperativa. El número tres capítulo se incluyen las actividades de intervención en la comunidad escolar desarrollado en la continuidad de las actividades anuales estipulados por el Grupo Disciplinario de Educación Física (GDEF). El cuarto capítulo trata de las actividades de integración en el Oriente, incluyendo el Estudio de caso desarrollado y Curriculum Acción Extensión celebrada. Ya el quinto capítulo se desarrolla todo el trabajo realizado dentro de las actividades de carácter científico-pedagógico individual, relacionados con las Estrategias para la Enseñanza Expresiva Rítmica actividad; Colectivos y abordar varias cuestiones relacionadas con el Programa Nacional de Educación Física (PNEF), más precisamente los referentes Alternativas a la nuclear y las cuestiones problemáticas. En el sexto capítulo se hace referencia a todas las actividades sin carácter obligatorio desarrollado a lo largo del año escolar. El penúltimo capítulo se refiere a las conclusiones y, por último, el octavo capítulo relacionado con las Recomendaciones para un futuro próximo.

Palabras-Clave: Pasantía Práctica Supervisada, Proceso de Enseñanza-Aprendizaje, Educación Física, Reflejo, Escuela.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
Perspetiva Pessoal.....	2
1. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	3
1.1 Caracterização da escola.....	3
1.1.1 Estruturas de Gestão Intermédia.....	4
1.1.2 Recursos Materiais	4
1.1.3 Espaço Específicos para o Ensino da Educação Física	5
1.2 Caracterização da turma.....	5
2. GESTÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA TURMA DO PROFESSOR COOPERANTE	8
2.1 Planeamento.....	9
2.1.1 Calendarização Anual.....	9
2.1.2 Unidades Didáticas	11
2.1.3 Planos de Aula.....	12
2.2 Realização.....	13
2.2.1 Estratégias Utilizadas	13
2.2.2 Estilos de Ensino	18
2.3 Controlo e Avaliação	20
2.3.1 Avaliação do Domínio Psicomotor	22
2.3.2 Avaliação do Domínio Cognitivo.....	23
2.3.3 Avaliação do Domínio Socio Afetivo	24
2.4 Avaliação Diagnóstica	24
2.4.1 Avaliação Diagnóstica dos JDC	25
2.4.2 Avaliação Diagnóstica das ARE.....	25
2.4.3 Avaliação Diagnóstica de Ginástica.....	26
2.4.4 Avaliação Diagnóstica de Atletismo	26

2.4.5	Avaliação Diagnóstica da Condição Física.....	27
2.5	Assistência às aulas	27
2.5.1	Metodologia de Observação	29
2.5.2	Instrumentos de Observação.....	29
2.5.3	Dimensões observadas.....	30
3.	ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR	33
3.1	Edição 2013/2014 do “Festival de desporto da Levada”	33
3.1.1	Planeamento	33
3.1.2	Operacionalização	36
3.1.3	Controlo e Avaliação	37
4.	ATIVIDADES DE INTEGRAÇÃO NO MEIO	40
4.1	Atividades no âmbito da Direção de Turma	40
4.1.1	Estudo de Caso	40
4.1.2	Identificação do Problema e Caracterização do Aluno	40
4.1.3	Definição dos objetivos	42
4.1.4	Instrumentos e Recolha de Informação	42
4.1.6	Metodologia Utilizada.....	43
4.1.7	Estratégias de Intervenção e Resultados Obtidos.....	43
4.2	Ação de Extensão Curricular	46
4.2.1	Justificação da Ação.....	46
4.2.2	Planeamento e Organização	46
4.2.3	Operacionalização	47
4.2.4	Controlo e Avaliação.....	48
5.	ATIVIDADE DE NATUREZA CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA	50
5.1	Atividade Científico-pedagógica individual “ Estratégias de Ensino das Atividades Rítmicas Expressivas”	50
5.1.1	Justificação	51
5.1.2	Planeamento e Operacionalização	52

5.1.3	Controlo e Avaliação	53
5.2	Atividade Científico Pedagógica Coletiva “Matérias Nucleares e Alternativas: que potencialidades? Dança e esgrima- da teoria à prática”	55
5.2.1	Planeamento e Operacionalização	57
5.2.2	Controlo e Avaliação	59
6.	OUTRAS ATIVIDADES	64
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
8.	RECOMENDAÇÕES	69
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
	ANEXOS	74

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Componentes de Avaliação do Domínio Psicomotor.....	22
Tabela 2- Componentes de Avaliação do Domínio Cognitivo.....	23
Tabela 3- Componentes de Avaliação do Domínio Sócio Afetivo	24

LISTA DE ABREVIATURAS

Atividades Rítmicas Expressivas – ARE

Educação Física – EF

Programa Nacional de Educação Física – PNEF

Encarregado de Educação – EE

Grupo Disciplinar de Educação Física – GDEF

Jogos Desportivos Coletivos – JDC

Planos de Aula – PA

Prática de Ensino Supervisionada – PES

Projeto Educativo de Escola – PEE

PSP – Polícia de Segurança Pública

Unidades Didáticas - UD

INTRODUÇÃO

O Mestrado em Ensino da Educação Física e Desporto no Ensinos Básico e Secundário resume-se a dois anos letivos. O primeiro ano é caracterizado por uma componente essencialmente teórica, que nos irá servir de base para o segundo ano, onde são abordadas temáticas referentes ao sistema de ensino atual e a todas as componentes do processo de ensino. Já o segundo ano é dedicado à aplicação prática dos conteúdos abordados anteriormente, através de um período de estágio, numa Escola da Região Autónoma da Madeira, denominado de Prática de Ensino Supervisionado (PES).

A PES descrita e analisada neste relatório desenvolveu-se na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva (EBSAAS), com a orientação do Prof. Doutor Ricardo Alves (Universidade da Madeira) e do Mestre Adérito Nóbrega (EBSAAS), orientador na instituição acolhedora da PES.

O núcleo de estágio foi constituído por dois professores estagiários e decorreu no ano letivo 2013/2014. Foi realizado numa das turmas atribuídas ao professor orientador cooperante, a turma 2 do 8.º ano, composta por 25 elementos.

A lecionação da Disciplina de Educação Física pelos professores estagiários seguiu a Planificação Anual do Grupo Disciplinar e Educação Física, sendo que no presente relatório se apresentam os processos e metodologias utilizados para a aplicação da mesma.

Foi também incluída na Planificação Anual de Educação Física, uma atividade proposta pelo núcleo de estágio da Escola intitulada: “Estratégias de Ensino das Atividades Rítmicas Expressivas e Lacrosse” que visou a sensibilização dos docentes para estas duas modalidades, incentivando-os a aplicá-las no contexto de aula.

Neste relatório pretende-se não só apresentar e fundamentar o trabalho realizado durante a PES mas também refletir criticamente sobre as vantagens e desvantagem das metodologias aplicadas, procurando colmatar os pontos fracos e evidenciar os aspetos fortes, no intuito de melhorar a nossa prestação enquanto futuros docentes.

Perspetiva Pessoal

O desejo de ingressar esta área surgiu durante a adolescência, pelo bom relacionamento com os professores de Educação Física assim como o gosto elevado por esta disciplina. A partir daqui, o contacto com esta área, nomeadamente como monitora de atividades desportivas nas férias de verão, despoletou cada vez mais a necessidade de seguir este percurso profissional.

A licenciatura, apesar de nos permitir consolidar alguns conhecimentos e ser uma boa base para esta área, julgamos que por si só não constitui um meio de preparação suficiente para todos os processos inerentes a esta atividade profissional. Assim sendo, no término da licenciatura, no ano letivo de 2011/2012 decidimos aprofundar a nossa instrução, ingressando no mestrado para a carreira docente.

O contacto com outras áreas foi uma constante, nomeadamente a área do *Fitness*. No entanto, esta não se tornou um impedimento para o desejo de um dia possuir o grau de professor de Educação Física e fazer realmente que nos dá prazer.

Acreditamos que a realização pessoal advém também da realização profissional.

1. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1.1 Caracterização da escola

O conhecimento da instituição que nos acolhe para o nosso contínuo processo de formação é de extrema importância, disponibilizando-nos informações pertinentes sobre os diversos recursos disponíveis para a nossa atuação enquanto docentes. Este tipo de investigação é relevante, pois permite-nos saber um pouco mais sobre a realidade onde nos vamos inserir, assim como oferece-nos a possibilidade de planear atempadamente as diversas estratégias de atuação durante o ano letivo.

A análise do contexto escolar é fundamental, nomeadamente as normas de utilização dos espaços/recintos, as regras de funcionamento das instalações desportivas, os órgãos de gestão da escola, entre muito outros fatores. Tudo isto com o propósito de ficar a conhecer um pouco mais aprofundadamente a comunidade onde iremos trabalhar durante todo o ano.

A escola acolhedora foi a Escola Dr. Ângelo Augusto da Silva, situada na freguesia de Santa Luzia, no concelho do Funchal. Esta escola, mais conhecida como Escola da Levada, surgiu na década de 70, através de um programa lançado pela Secretaria da Educação que consistia na construção de novas escolas pré-fabricadas. Foi a 22 de Dezembro de 1978 que a Escola abriu as suas portas, a um total de 797 alunos do 7.º ano, ficando estes distribuídos por 30 turmas.

Os pavilhões pré-fabricados rapidamente se deterioraram, tornando necessária a construção de uma Escola de raiz, pensando já na inclusão do ensino secundário.

Desde cedo foram evidenciadas as boas condições para a prática desportiva, sendo anunciada como uma das melhores do país.

Foi inaugurada pelo Presidente do Governo Regional da Madeira, Dr. Alberto João Jardim, tendo sido batizada com o nome do ilustre pedagogo madeirense Dr. Ângelo Augusto da Silva, de acordo com a Resolução do Governo Regional n.º 913/83 de 20 de Outubro de 1983.

Adaptando-se às novas realidades e às diferentes exigências do Sistema Educativo, foram lançados cursos técnicos – profissionais, currículos alternativos e também o 13º ano profissionalizante.

Esta escola destaca-se pela forma como acompanhou a evolução da sociedade, tendo sempre como objetivo primeiro a transmissão de valores humanos, sociais e culturais permitindo aos seus alunos a continuidade de formação no ensino superior assim como no mercado de trabalho.

Atualmente a escola conta com cerca de 1029 alunos vindos maioritariamente dos Concelhos do Funchal e Santa Cruz.

1.1.1 Estruturas de Gestão Intermédia

Como estabelecido no Projeto Educativo (PEE), todas as estruturas de gestão intermédias, Serviços Especializados de Apoio Educativo, têm como função cooperar com o Conselho Pedagógico e com o Conselho Executivo no seu desenvolvimento, proporcionando um acompanhamento constante do percurso escolar dos alunos.

As Estruturas de Gestão Intermédia e de Orientação Educativa são:

- Departamentos curriculares;
- Conselhos de disciplina;
- Conselhos de turma;
- Conselhos de diretores de turma.

Os Serviços Especializados de Apoio Educativo são:

- Serviços de psicologia;
- Núcleo de Apoio Educativo;
- Serviços de Ação Social Escolar;
- Seguro Escolar.

Outros Serviços:

- Conselhos de Orientadores de Estágio Pedagógico.

1.1.2 Recursos Materiais

Os recursos materiais que fazem parte da escola proporcionam à comunidade escolar as condições adequadas à realização das diversas atividades.

É importante ter conhecimento sobre estes recursos, principalmente aqueles que poderiam ser úteis durante a nossa prática letiva.

Verificámos que a escola possuía equipamentos audiovisuais e informáticos, permitindo a lecionação de aulas teóricas mais dinâmicas.

Relativamente ao material desportivo, este deveria ser requisitado junto do funcionário antes de cada aula.

1.1.3 Espaço Específicos para o Ensino da Educação Física

A escola possui diversos espaços, cujas normas de utilização devem ser respeitadas por cada docente. A nossa prática letiva foi planeada de acordo com a ocupação desses espaços (ANEXO A), sendo determinados para cada turma qual o(s) recinto(s) a utilizar em cada período, de acordo com as matérias a lecionar.

Houve por vezes, a necessidade de realizar algumas trocas pontuais com outros professores, de acordo com as necessidades existente.

1.2 Caracterização da turma

O ser humano manifesta diversos comportamentos de acordo com o contexto em que está inserido. O desenvolvimento do homem está inerente ao ambiente, à cultura e ao meio social de onde são parte ativa. Assim, o conhecimento dos alunos em questão tornou-se um fator essencial para o planeamento e o desenvolvimento das atividades a realizar durante o ano letivo. Pretendemos com isto fomentar um desenvolvimento eclético e multilateral (Ministério da Educação, 2001), promovendo uma formação harmoniosa no campo intelectual, moral e físico.

O conhecimento mais aprofundado que adquirimos, possibilitou uma intervenção mais adequada do professor, respeitando as características e necessidades evidenciadas pela turma, otimizando desta forma o processo de ensino-aprendizagem. Foram constatadas diferentes relações com o meio escolar, familiar assim como perspectivas futuras, sendo elas de carácter profissional ou pessoal.

A caracterização da turma vem desta forma dar seguimento ao que está estipulado no Programa Nacional de Educação Física (Ministério da Educação, 2001)

onde está estabelecido que os objetivos e as diferentes atividades deverão ser tão globais quanto possíveis, assim como o mais individualizadas, se assim o for necessário.

A caracterização tornou-se essencial na criação de uma relação, na construção de um processo recíproco, onde existe a necessidade de se adequar à turma, mas também ao aluno como indivíduo.

Para que fosse possível obter um conhecimento mais aprofundado, elaborámos um inquérito (ANEXO B), preenchido no início do ano letivo, que foi dividido em cinco partes: *Escola, Família, Atividade Física, Hábitos de Estudo e Tempos Livres*.

Pretendemos com isto focar alguns aspetos essenciais que não estavam evidenciados no *dossier* de turma podendo, desta forma, criar um maior conhecimento sobre a turma em questão.

Após a recolha e análise dos dados, procedemos à sua apresentação ao Conselho de Turma, na reunião intercalar realizada no dia 23 de outubro de 2013. A informação foi apresentada verbalmente, tal como solicitado pelo orientador cooperante. No final foi disponibilizado a todos os professores um documento com um resumo da caracterização da turma, tendo sido o documento integral entregue ao diretor de turma. Uma vez que grande parte dos professores pertencentes ao Conselho de Turma já acompanhava estes alunos a alguns anos, a caracterização veio apenas relembrar alguns pormenores que poderiam ser relevantes durante o ano letivo.

Através da identificação dos alunos foi-nos dada a conhecer a constituição do seu agregado familiar, o número de pessoas com quem vive, assim como os graus de parentesco. A situação conjugal dos pais foi um fator que considerámos por bem questionar, podendo esta situação ter uma influência direta no desempenho escolar do aluno. Constatámos ainda que a maioria dos encarregados de educação (EE) estava ligado à figura materna, podendo este ser um indicador de um maior envolvimento na vida escolar em comparação com à figura paterna. Grande parte dos alunos possuíam irmãos mais novos, podendo estes sentirem uma maior responsabilidade na vida familiar para com os irmãos mais novos.

Em relação à área de residência, poucos casos eram remetidos para fora do concelho do Funchal, mais precisamente, Santa Cruz. O facto de estes viverem relativamente perto fez com que fossem criados fortes laços de amizade, frequentando atividades extracurriculares em comum, existindo uma maior proximidade entre eles.

Na seção referente à vida escolar, pretendemos obter informações sobre o rendimento individual de cada aluno, das preferências curriculares, das relações

existentes na turma, dos hábitos (ou não) de estudo, das diferentes tecnologias que possuíam (computador, *tablet*, telemóvel, *internet*, etc.) assim como os meios utilizados para estudar e a sua forma de deslocação para a escola. Inquirimos também as expectativas futuras individuais.

Através dos dados recolhidos conseguimos traçar um perfil geral da turma, podendo afirmar que esta apresenta uma grande motivação para a escola, existindo apenas um caso de aluno com historial de repetente. O historial do rendimento escolar até então teria sido sempre positivo, indo de encontro com dados dos hábitos de estudo descritos.

O facto de todos os alunos possuírem computador com acesso à internet em casa, ou na casa de algum familiar próximo, fez com que fosse possível a troca de documentos, via *e-mail*, criando uma maior dinâmica na turma de troca de informação. Conseguimos, desta forma, partilhar os documentos de estudo para os testes, assim como existia a liberdade de tirar dúvidas com o professor nos dias em que não havia aulas de Educação Física.

Já no sector da Atividade Física foi nosso intuito conhecer as modalidades preferidas dos alunos, assim como a sua inclusão em algumas atividades fora do contexto escolar, como por exemplo algum clube desportivo ou algum outro movimento juvenil. Pretendemos conhecer os hábitos desportivos dos alunos para que conseguíssemos aplicar estratégias ao longo do ano que aumentassem a motivação para as aulas de EF, sendo esta considerada por muitos dos alunos como a disciplina favorita. Constatamos que muitos dos alunos encontram-se ligados a alguma modalidade federada, sendo os casos mais predominantes o futebol e a natação.

Optámos por criar o questionário de carácter anónimo, para que os alunos se sentissem menos “controlados”, tentando com que as respostas obtidas fossem o mais próximo da realidade. Foi possível ter uma maior perceção da turma, no entanto, consideramos que mesmo assim podem existir respostas que não correspondem à realidade. Será vantajoso numa próxima caracterização compilar mais informações junto de outros professores que já tenham estado em contacto com os respetivos alunos e também consultar as suas fichas de alunos de anos transatos.

2. GESTÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA TURMA DO PROFESSOR COOPERANTE

O processo de ensino-aprendizagem requer uma grande atenção por parte do docente. A gestão de uma turma e a consequente adaptação e individualização da aprendizagem são situações que levam o professor a um planeamento minucioso e cuidadoso de todas as matérias a abordar ao longo do ano letivo.

A elevada complexidade deste processo exige ao professor preparação e formação adequada, para que estes possam lidar com jovens com diferentes motivações, diferentes ritmos de aprendizagem, diferentes necessidades e diferentes dificuldades (Freire, 2003). Assim sendo, é necessário uma compilação de todo o conhecimento adquirido ao longo do mestrado, acrescentando o conhecimento da turma em questão, dos conteúdos a abordar, dos programas curriculares, dos materiais disponíveis, das instalações e dos objetivos a atingir, para que possamos posteriormente definir e criar as estratégias para os alcançarmos.

A gestão do processo de ensino-aprendizagem deverá partir de um conhecimento geral e individual da turma em questão, dos recursos existentes, obtidos através da caracterização da turma e da escola, das avaliações iniciais realizadas aos alunos, das motivações demonstradas e dos conteúdos programáticos para que a partir daí seja possível organizar o ano letivo através da criação do plano de turma.

Pretendemos criar nos alunos uma multiplicidade de capacidades para que estes fossem capazes de enfrentar cenários de mudança e incerteza, preparando-os para a imprevisibilidade de situações. Siendentop e Tannehill (2000) afirmam que para tal o professor deverá possuir um conhecimento abrangente sobre o que vai ensinar. Todavia mais importante ainda é a forma como vai ensinar e ser capaz de gerir e conseguir acompanhar todo esse processo de aprendizagem.

Passado o processo de recolha de informações, seleccionámos as que consideramos mais relevantes e pertinentes, partindo para a estruturação dos objetivos curriculares e também para o planeamento das estratégias de intervenção de acordo com a turma em questão.

2.1 Planeamento

A fase do planeamento pode ser considerada como a fase mais importante para o processo de ensino. Leal (n.d., p,2) diz-nos que:

“O planeamento de ensino tem características que lhes são próprias, isto, particularmente, porque lida com os sujeitos aprendentes, portanto sujeitos em processo de formação humana. Para tal empreendimento, o professor realiza passos que se complementam e se interpenetram na acção didáctico-pedagógica. Decidir, prever, seleccionar, escolher, organizar, refazer, redimensionar, reflectir sobre o processo antes, durante e depois da acção concluída. O pensar, a longo prazo, está presente na acção do professor reflexivo. Planejar, então, é a previsão sobre o que irá acontecer, é um processo de reflexão sobre a prática docente, sobre seus objectivos, sobre o que está acontecendo, sobre o que aconteceu. Por fim, planejar requer uma atitude científica do fazer didático-pedagógico”.

Planear pode ser considerado um processo de tomada de decisão e reflexão (Padilha,2001) e qualquer atividade deverá incluir esta fase para que possa ser avaliada posteriormente (Nunes, 2005).

Em qualquer planeamento deverão estar inseridos os objetivos específicos e operacionais que só poderão ser estabelecidos depois do conhecimento dos diferentes níveis da turma em questão. As atividades a serem implementadas deverão seguir a lógica dos objetivos para que estes possam ser alcançados e a avaliação deverá verificar se os mesmos foram atingidos (Piéron, 1992).

Podem ser considerados três níveis de planeamento, sendo eles o planeamento a longo prazo, que diz respeito ao planeamento anual; o planeamento a médio prazo, referente às unidades didáticas e, por fim, o planeamento a curto prazo que se refere à aula em si.

2.1.1 Calendarização Anual

A calendarização anual (ANEXO C), esta inerente a diferentes fatores, nomeadamente o Programa Nacional de Educação Física, as condições existentes, o nome de horas estipulado para a disciplina assim como a avaliação existentes (Pierón, 1992).

Neste sentido é importante perceber os objetivos a atingir, considerando a turma em questão, os espaços e materiais existentes (apesar de estes não serem um fator limitativo), as avaliações existentes, assim como o tipo dessa avaliação, a duração de cada período bem como as interrupções letivas.

Após isto realizámos a divisão das matérias pelo ano letivo. Inicialmente, prevíamos uma divisão politemática, rentabilizando ao máximo os recursos existentes, maximizando a aprendizagem do aluno, realizando uma aprendizagem por etapas. No entanto, após a reunião inicial com o Grupo Disciplinar de Educação Física (GDEF), foi-nos pedido a abordagem por blocos, ficando distribuídas duas matérias por período. Apesar de não concordarmos plenamente com este tipo de divisão, seguimos as regras estabelecidas pela escola. Uma das justificações utilizadas para este tipo de divisão seria a da rotação das instalações desportivas.

Assim sendo procedemos à elaboração do planeamento anual, tendo sempre como referência as normas estipuladas pelo GDEF. No 1º período ficou decidido que a nossa instalação seria o pavilhão gimnodesportivo nos dois dias de aula. Isto porque para o 8.º ano, as matérias a abordar seriam, em unanimidade, o Voleibol e a Ginástica de Solo/Aparelhos.

No 2º período, as instalações atribuídas foram exteriores, privilegiando a prática do Futebol e Atletismo. No último período, foram-nos atribuídos o ginásio e um campo exterior, estando estes disponíveis para a abordagem das ARE e do Andebol.

Como podemos aferir, a seleção das matérias não foi de encontro às orientações do PNEF, escolhendo três matérias da categoria A e não apenas duas, como estipulado.

No entanto, tentámos criar nos alunos uma aprendizagem multifacetada, abordar a dança num contexto global, inserindo-a como Atividade Rítmica Expressiva, passando pelo folclore, aeróbica e danças sociais.

Previmos a lecionação de 103 blocos de 45', das quais 45 foram dedicadas aos JDC, 15 ao Atletismo, 18 às ARE, 20 à Ginástica e ainda 5 aulas à avaliação diagnóstica e 6 aulas para os momentos de avaliação escrita e apresentação dos trabalhos de grupo.

Ao elaborarmos a organização do ano letivo, considerámos o ensino por blocos, apesar de não estarmos de acordo com esta situação, recolhendo todas as informações sobre os espaços e matérias disponíveis existentes, de forma a maximizarmos e diversificarmos a aprendizagem dos alunos. O ensino por blocos, leva-

nos a pensar num sistema de “gavetas”, onde a informação é guardada, sem perceber qual o seu sentido e a sua intencionalidade (Almada e colaboradores, 2008). Existe o contacto com a matéria durante um período de tempo e logo de seguida, esse contacto é cortado voltando a ser abordada apenas nos anos seguintes, levando por vezes ao próprio esquecimento.

Esta calendarização foi uma ferramenta muito importante no planeamento do ano letivo. No entanto, esta foi flexível, permitindo algumas alterações que considerámos necessárias tendo em conta a otimização do processo de ensino-aprendizagem. Uma das razões para estas alterações foi a realização de atividades não previstas, como a experimentação de atividades alternativas, como por exemplo o *goalball*.

2.1.2 Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas (UD) representam diferentes partes do programa de uma determinada matéria, composta por um determinado número de aulas, contribuindo para a realização dos objetivos expressos nesse mesmo programa (Bento, 1987).

Isto pressupõe um planeamento do processo ensino-aprendizagem, sendo necessária a criação de uma planificação dos objetivos esperados, através da elaboração dos planos de aula, que deverão ir ao encontro aos objetivos da planificação final.

As unidades didáticas devem ser vistas como um documento orientador para o professor, contribuindo para o alcance dos objetivos traçados no plano anual, visando o desenvolvimento do aluno.

As UD advêm com o intuito de criar uma maior qualidade do ensino, uma vez que exige um planeamento minucioso e uma preparação rigorosa. O professor deve ser capaz de ajustar as situações de aprendizagem à idade, às capacidades físicas e criar o máximo de oportunidades de aprendizagem aos alunos (Gouveia, 2001).

Todas as UD preparadas foram ao encontro dos objetivos globais de aprendizagem de cada matéria, dos conteúdos programáticos estipulados ajustando os diferentes estilos de ensino utilizados, os recursos temporais e materiais assim como as formas de avaliação.

Procurámos sempre adaptar aos alunos os objetivos estipulados no PNEF, tentando respeitar os ritmos de aprendizagem de cada um, verificando-se isto na criação de diversas progressões de exercícios, tentando individualizar ao máximo o processo de

ensino-aprendizagem. Tentamos maximizar, sempre, o tempo de empenhamento motor dos alunos.

2.1.3 Planos de Aula

Os planos de Aula (PA) são instrumentos guia do professor a curto prazo. Visam a orientação do professor na sua atuação pedagógica, representando um ponto de equilíbrio entre a teoria e a prática. Devem ser funcionais para o próprio professor, não existindo uma forma correta e única de o fazer.

Após a escolha das tarefas a realizar, é planeado o tempo útil para a aula, a quantidade e qualidade da informação a transmitir, o estilo de ensino utilizado, entre outros aspetos importantes.

As situações de aprendizagem estipuladas nos PA são meios de transformação, o que não significa que sejam aplicadas a todos os alunos de igual forma. Por vezes é necessário uma adaptação, uma individualização para uma adequação dos exercícios ao nível de aprendizagem dos alunos.

A elaboração destes documentos deve ir ao encontro dos objetivos definidos, procurando o desenvolvimento de diferentes capacidades e competências (Lopes, 2011).

Procurámos sempre que existisse uma lógica progressiva nos PA para o alcance dos objetivos estipulados, através de pequenas etapas.

Sentimos a necessidade de criar um modelo (ANEXO D) que nos permitisse conduzir a aula de uma forma simples e eficaz. Tentámos que este fosse o mais simples, claro e de fácil leitura, permitindo uma consulta rápida dando um seguimento contínuo às aulas, não provocando nenhuma quebra da aula.

Nesse modelo estava bem saliente um cabeçalho, onde estavam contidas todas as informações referentes ao número da aula, à data, matéria, aos recursos materiais, ao sumário, os objetivos gerais, assim como a turma e o ano em questão.

O corpo do plano estava organizado em três partes: a inicial, a fundamental e a parte final. Esta divisão adveio em concordância com o orientador cooperante pedagógico, achando este, que seria a divisão mais lógica do PA.

Consideramos que não existe a necessidade deste tipo de divisão, uma vez que a aula deve seguir numa lógica de continuidade, não existindo diferenciações entre estas três etapas acima referidas.

O plano estava organizado em quatro colunas, onde estavam contidos os conteúdos/objetivos a abordar/atingir, as estratégias e condições de realização, o esquema gráfico (quando possível) e por fim o tempo do exercício, assim como o tempo acumulado da aula.

A parte final do PA referia-se aos alongamentos e por vezes, também a algumas observações que fossem necessárias, ou por alguns alunos que não realizavam a prática.

Batalha (2004), defende que o PA deve conter uma sequência lógica de progressão de aprendizagem, possibilitando para cada tarefa o tempo suficiente para a sua consolidação.

Numa fase inicial, o tempo despendido para a sua realização era elevado, provocando por vezes excesso de informação, tornando a sua compreensão um pouco complicada e tornando o PA num instrumento não muito prático.

Com a rotina, fomos consolidando cada vez mais a estruturação e a informação, conseguindo reduzir o PA a uma folha A4, facilitando a sua interpretação. Foi também notória a independência em relação ao PA no decorrer do ano letivo.

O professor deverá ser capaz de ajustar o tempo de realização do exercício, não tendo de respeitar na íntegra o estipulado no PA. Assim, por vezes, surgiu a necessidade de alterar o tempo do exercício e introduzir novas variáveis para que os alunos continuassem motivados e empenhados.

2.2 Realização

2.2.1 Estratégias Utilizadas

As estratégias de ensino são um conjunto de ações orientadas através de meios e métodos que nos levam a um objetivo a atingir. Roldão (2009), diz-nos que:

“A estratégia enquanto concepção global de uma acção, organizada com vista à sua eficácia (...): o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem.”

Ao longo do ano letivo desenvolvemos um conjunto de estratégias de forma a otimizar o processo de ensino-aprendizagem. Para isto tivemos em conta alguns aspetos essenciais, nomeadamente a turma em questão, as matérias a serem abordadas, assim

como os espaços disponíveis. Estas estratégias foram sofrendo adaptações constantes no decorrer do ano letivo, para que fosse possível garantir um acompanhamento eficiente em todas as situações existentes (planeadas ou não).

Analisámos todos os aspetos que para nós seriam determinantes, desde a organização da aula, a organização da turma, a definição de grupos, a maneira de apresentação dos conteúdos, inclusive a criação de rotinas no início e final da aula, relativamente à montagem e desmontagem do material. Tudo isto foi pensando tendo em conta a otimização do tempo de empenhamento motor dos alunos.

Logo no início do ano foi importante perceber as dinâmicas existentes entre a turma, a relação de proximidade entre os alunos, assim como alguma situação de eventuais conflitos. O facto de a turma ser grande não permitiu tirar grandes conclusões nos primeiros dias de aulas. Este foi um processo que foi sendo arrastado ao longo do 1º período.

A fim de minimizar alguma desorganização durante as aulas decidimos dividir a turma em grupos mais pequenos, ficando cinco grupos de cinco elementos. Ao trabalharmos com grupos mais reduzidos foi mais fácil perceber quais as necessidades de cada um, permitindo uma individualização da aprendizagem, ou através de *feedbacks*, ou então através de diferentes opções para a realização de determinado exercício.

Numa fase inicial, após uma avaliação diagnóstica, o professor ficou responsável pela formação dos grupos nas aulas. O critério para a divisão em grupos adveio dos níveis de aprendizagem em que cada aluno se encontrava. Esta formação de grupo ao longo dos anos foi variando, sendo por vezes realizada pelos próprios alunos, notando-se a relação de proximidade existente entre os alunos. Noutros casos, os grupos eram feitos de acordo com os objetivos que pretendíamos atingir ou com o comportamento que queríamos solicitar. Outra estratégia utilizada foi a criação de grupos heterogéneos, com níveis de aprendizagem diferentes, para que se pudesse inculcar o espírito de cooperação e de grupo, tentando criar uma maior coesão na turma.

Os grupos de trabalhos fora do contexto de aula foram constituídos igualmente por cinco elementos. Em todos os períodos os alunos tiveram a possibilidade de escolher os seus companheiros de grupo. Isto deveu-se ao facto de muitos dos alunos estarem envolvidos em tarefas extracurriculares em comum, existindo uma maior compatibilidade de horários entre eles. Foi possível aferir, mais uma vez, as relações existentes dentro da turma.

As aulas foram sempre organizadas na lógica de os alunos passarem o máximo de tempo quanto possível em empenhamento motor. Pretendemos criar uma dinâmica, onde os tempos de espera e de transição fossem quase inexistentes.

O início da aula era um momento de instrução e de ativação cardiorrespiratória, músculo-esquelética e cognitiva, utilizando para isto os jogos pré-desportivos incutindo a vertente lúdica. Estes eram importantes, pois solicitavam diferentes comportamentos que também iriam ser solicitados no decorrer da aula.

A intensidade era crescente ao longo da aula, fazendo algumas pausas sempre que necessário. Na parte final, eram realizados diversos alongamentos, para permitir que os músculos relaxassem após a atividade física, evitando o risco de lesões musculares, provocados pela contração contínua dos mesmos.

No início do ano, criámos e estabelecemos diversas rotinas, organizando a aula e criando maior tempo disponível para a prática. Foram definidos grupos que tinham a responsabilidade de preparar o material para a aula, que por sua vez iam sendo alterados semana a semana. Desta forma, conseguíamos iniciar a aula logo após o toque de entrada.

Nas primeiras aulas, durante a instrução agrupámos todos os alunos, tentando com que todos ficassem a perceber o que iria ser realizado na aula. Por vezes, devido à inexperiência, este tempo de instrução era demasiado longo, provocando alguns comportamentos desviantes por parte dos alunos, o que fazia com que fosse necessário repetir a informação, perdendo-se muito tempo disponível para a tarefa. Como forma de tentar remediar a situação, no início reuníamos toda a turma, onde dávamos uma instrução geral da aula e explicávamos os exercícios.

Após cada grupo estar em empenhamento motor, dirigíamo-nos a cada grupo individualmente para prestarmos *feedbacks* individualizados. Desta forma o resto da turma continuava a realizar o exercício, não existindo perda de tempo e paragens desnecessárias. Todavia, sempre que necessário, quando existia uma informação geral que tinha de ser passada a toda a turma, estas eram prestadas simultaneamente.

Um recurso material utilizado em todas as aulas foi o apito, pois muitas das vezes os alunos encontravam-se dispersos, sendo difícil conseguir atrair a sua atenção. Ficou estipulado que quando os alunos ouvissem o apito, dirigiam-se para o professor.

Optámos também por realizar muitas das aulas por estações ou até mesmo por circuito para aumentar o tempo de empenhamento motor e evitar os tempos de espera.

Por vezes foram também realizadas aulas politemáticas, apesar de não estarem definidas no planeamento anual, para aumentar o tempo disponível para a prática.

Uma vez decidido em reunião com o grupo disciplinar de Educação Física quais as matérias a abordar por período, fizemos a distribuição das matérias pelo número de aulas. Foi decidido em conjunto com o orientador cooperante que num dia seria abordada uma modalidade, e noutra dia a outra modalidade. Por exemplo, no 1º período, na terça-feira lecionávamos o voleibol e na quinta-feira abordávamos a ginástica. Achámos por bem utilizar esta estratégia, pois como a ginástica é uma modalidade que requer muito material, existia sempre uma perda de tempo na montagem e desmontagem do material. Estas aulas foram na sua maioria realizadas por estações, onde os alunos estavam divididos em cinco grupos. Cada grupo estava numa estação, onde era abordado um elemento gímico, existindo sempre situações de progressão, que permitissem aos alunos com menos eficiência motora a sua realização. O mesmo aconteceu com o atletismo.

Já nos Jogos Desportivos Coletivos, tentámos abordar esta modalidade através do jogo, utilizando o “modelo de ensino dos jogos para a compreensão” (Teaching Games for Understanding) instituído por Bunker e Thorpe (1982), citado por Prudente (2012).

Acreditamos que este modelo de ensino é uma mais-valia para a compreensão e entendimento dos JDC, uma vez que este parte de noções táticas, apelando não a reprodução mas sim à compreensão e perceção do jogo, sendo visto através de uma perspetiva global. Devido à sua imprevisibilidade, arbitrariedade e especificidade e por serem considerados jogos de cooperação-oposição, são, como nos afirma Prudente (2012), difíceis de ensinar. É necessário respeitar diversos princípios no processo de ensino-aprendizagem, partindo de situações menos complexas para situações mais complexas, como por exemplo através de jogos reduzidos, dos critérios estabelecidos para a formação de grupos, dos constrangimentos utilizados, do objetivo de jogo. Tudo isto foi feito com o intuito de existir por parte dos alunos a compreensão do jogo em si, incrementado a tomada de decisão e a capacidade de iniciativa.

Procurámos criar situações que contribuíssem para os aspetos acima referidos, criando nos alunos a capacidade de gerir as diferentes situações da forma mais rentável possível atingindo o objetivo pretendido. Quisemos inculcar nos alunos a capacidade de análise do contexto, fazendo-os tomar as decisões mais vantajosas para aquela situação,

quer fosse a progressão no terreno, a passagem da bola para outro colega de equipa, procurar linhas de passe, criar situações de superioridade numérica, etc.

Apesar disto foi também necessário despende algum tempo para o ensino da técnica, pois no caso do voleibol, se os alunos não são capazes de realizar um passe, o jogo torna-se inexistente. No entanto, tivemos sempre o cuidado de contextualizar essas situações com o jogo e não de forma isolada.

Neste tipo de situações é importante existir sempre uma motivação por parte dos alunos e foi neste sentido que introduzimos a competição. A competição veio incrementar o trabalho em grupo para um objetivo em comum, ou seja, vencer o adversário. Para além dos JDC, a competição foi também utilizada em outras modalidades, nomeadamente no atletismo e nas Atividades Rítmicas Expressivas, onde os alunos tiveram de se defrontar através de provas individuais, ou então através da criação de coreografias para posterior apresentação.

Foram diversos os meios didáticos auxiliares na lecionação das diferentes modalidades, permitindo uma maior autonomia dos alunos. Como exemplo temos a ginástica, onde foram realizados diversos cartazes com as componentes críticas de cada elemento gímico, as ARE, onde a utilização de vídeos didáticos foi uma constante, permitindo que os alunos em casa pudessem treinar aperfeiçoando a sua performance. Ainda nas ARE foi solicitado algumas vezes que os alunos vissem vídeos e que treinassem apenas um passo para apresentar na aula seguinte. Pretendemos com isto inculcar a capacidade de iniciativa nos alunos, a procura de novos conhecimentos, tornando-os agentes ativos no seu processo educativo.

Quisemos também que eles tivessem responsabilidade na preparação das aulas, como por exemplo, na elaboração de um jogo lúdico para o início da aula seguinte, trabalhando assim o sentido de responsabilidade dentro, como fora do contexto da aula.

2.2.1.1 Alunos que não realizaram a prática

Para os alunos que por diferentes motivos não realizaram a componente prática, foram pensadas diversas tarefas para os envolver na dinâmica das aulas. Estas tarefas iam desde a organização dos materiais, das estações para os exercícios, à arrumação dos materiais no início e final da aula, o controlo de alguns grupos e a função de árbitros durante os torneios realizados na turma.

Apesar dos alunos não estarem a realizar as aulas, pretendemos que estes continuassem empenhados na mesma, desempenhando outro tipo de tarefas. Por vezes, foram realizados relatórios de observação, onde os alunos teriam de observar determinadas componentes de um gesto realizado pelos colegas e através disso determinar qual(is) a(s) forma(s) mais rentável de realização (como por exemplo no atletismo, na passagem da barreira, pretendemos que os colegas observassem qual a melhor perna de ataque do colega à barreira, a distância mais adequada para efetuar o ataque à barreira, entre outros aspetos fundamentais). De seguida, no final da aula, o aluno apresentada à turma as conclusões retiradas.

2.2.2 Estilos de Ensino

Os estilos de ensino constituem “uma teoria de relações entre o professor e o aluno, as tarefas que desempenham e os efeitos no desenvolvimento do aluno” (Mosston & Ashworth, 1986).

Também segundo Mosston & Ashworth (1986), para existir uma unidade pedagógica funcional, terá de existir uma relação de congruência entre a atividade do professor (ensino), os objetivos (de conteúdo e de comportamento) e a aprendizagem (atividade do aluno). Todos estes estão interligados, uma vez que os objetivos irão afetar o comportamento de ensino do professor, que por sua vez irá influenciar a aprendizagem dos alunos.

Mosston & Ashworth (1986) preconizaram o “Espectro dos Estilos de Ensino” definindo as diferentes opções de ensinar, respeitando as estruturas de decisão, o papel do professor e do aluno em cada estilo, assim como os objetivos melhor alcançados em cada um dos estilos. Estes estilos encontram-se organizados num espectro, divididos através daquilo a que se atribui o nome da “barreira da descoberta”. Esta barreira separa os estilos de estilos de ensino, agrupando aqueles em que se apela à reprodução de conhecimentos e àqueles em que dá azo à produção de conhecimentos.

A utilização dos diferentes estilos de ensino deverá ser sempre realizada tendo em vista o contexto e os objetivos a atingir, pois o ensino corresponde à elaboração de uma cadeia de decisões e é por isto que pretendemos formar um homem possuidor da sua própria autonomia, responsável e acima de tudo, capaz de tomar decisões tendo em conta o objetivo final.

No decorrer do ano letivo, procurámos criar situações de ensino-aprendizagem diversas, promovendo diferentes comportamentos, tentando dar primazia aos estilos de ensino que não envolvesse a reprodução de conhecimentos. Procurámos criar diferentes estratégias utilizando na maioria das vezes os estilos de ensino do lado direito da barreira da descoberta, inculcando nos alunos comportamentos de produção de conhecimento.

Para que isto fosse possível, utilizámos diversas estratégias que pensamos que representaria para os alunos um maior sentido de responsabilidade e autonomia, tornando-os construtores do seu próprio conhecimento.

O professor deveria ser visto apenas como um orientador do processo educativo, incentivando os seus alunos na tomada de decisão e na resolução de problemas, promovendo desta forma a capacidade de interpretação do contexto, dando azo a um sentido crítico e a uma maior responsabilidade pelas suas ações. Trabalhamos para inculcar nos alunos uma maior consciencialização do seu processo de aprendizagem (Almada, 2012).

Ao longo das diferentes matérias de ensino, foram também utilizados diferentes estilos de ensino. Como exemplo, nas ARE, optámos por, numa fase inicial, os alunos explorassem diversas situações para a resolução de uma determinada situação. Mais concretamente nas danças tradicionais, contornámos a barreira da descoberta, utilizando um estilo de ensino do lado oposto. Foi importante, neste momento, a utilização de um estilo de ensino que apelasse à reprodução, nomeadamente o estilo de comando, através da demonstração de algumas técnicas básicas. Após a consolidação das mesmas, procurámos criar desafios que levassem os alunos a tomar decisões de forma consciente e autonomamente, inculcando também o sentido de responsabilidade.

Na ginástica de solo, o procedimento foi similar, em que através do estilo de ensino tarefa, os alunos eram levadas à realização de diferentes situações propostas pelo professor e numa fase mais avançada, foi pedida a criação de uma sequência gímnica, onde os próprios alunos teriam de encontrar a ordem mais favorável para realização de determinados elementos.

Nos JDC o estilo de ensino utilizado dependia muitas vezes da própria constituição do grupo de trabalho. Na presença de um grupo heterogéneo, utilizou-se muitas das vezes o estilo de ensino recíproco, onde os alunos com maior proficiência motora ajudavam os alunos com mais dificuldades. O estilo de ensino inclusivo foi em

algumas das vezes notório, dando-se a possibilidade de escolha ao aluno sobre a forma de realização de determinada tarefa.

Ao longo dos períodos diferentes estilos de ensino presentes foram utilizados, sendo estes um instrumento valioso na preparação dos alunos, permitindo a construção de diferentes estratégias para a obtenção de diferentes objetivos.

Acreditamos que com a passagem por diferentes estilos de ensino conseguimos criar nos alunos alguma suscetibilidade, fazendo-os perceber que eles são os principais agentes da sua aprendizagem sendo eles pessoas capazes de criar diversas soluções e tomar decisões sobre os problemas emergentes, de uma forma consciente e responsável.

Foi notória a importância da variabilidade da utilização de diferentes estilos de ensino, ajustados a cada situação e a cada aluno. A utilização de um estilo de ensino num determinado momento não condiciona a utilização de outro nesse mesmo instante. Torna-se importante conhecer as potencialidades de cada um deles, percebendo a sua intencionalidade, permitindo uma correta utilização do mesmo, sempre com o intuito de solicitar no aluno o comportamento desejado e a obtenção do objetivo estipulado.

2.3 Controlo e Avaliação

A avaliação realizada aos alunos incidiu sobre os domínios psicomotor, cognitivo e socio afetivo, sendo estes os campos descritos no PNEF e utilizados pelo GDEF.

Foram utilizados os critérios de avaliação definidos pelo GDEF da Escola para no 8.º ano do Ensino Básico, tendo em conta as especificidades da modalidade, assim como as competências específicas (ANEXO E). No domínio psicomotor procurou-se adaptar às diferentes componentes de avaliação, os indicadores inerentes ao Empenho e Cooperação, uma vez que são pontos-chave do processo de ensino com grande importância nesta modalidade.

A avaliação teve uma maior ponderação na componente psicomotora, 60%, o que demonstra a valorização do ensino da técnica e não da compreensão global da modalidade, como tal, o domínio cognitivo corresponde somente a 20% da avaliação total. É visível, neste campo, uma predominância da técnica sobre a compreensão, isto é, o processo de avaliação demonstra, segundo as percentagens, que a compreensão do “jogo” e a aplicação de conhecimentos teóricos é menos valorizada do que a técnica específica da modalidade.

No domínio sócio afetivo torna-se então possível avaliar a aquisição de competências que privilegiam esse conhecimento, assim como as relações interpessoais, o comportamento e a responsabilidade, a cooperação, a participação, a pontualidade e o uso do equipamento desportivo correto. A avaliação deverá consistir sempre num processo contínuo onde estejam englobados vários domínios, como o cognitivo, emocional, social, afetivo e motor e deverá atender também às capacidades coordenativas e condicionais de cada aluno assim como o conhecimento que cada qual possui, relativo à atividades expressadas no PNEF (Xavier e Fernandes, 2011). Tentámos neste sentido, respeitar todos estes campos para que a avaliação fosse um processo completo.

Pretendemos com a avaliação perceber o nível de cada aluno, identificar quais as matérias já apreendidas, tentar identificar as suas dificuldades e a partir daí, definir objetivos e estratégias para uma maior aprendizagem e um maior conhecimento. Foi nosso objetivo identificar as lacunas existentes, permitindo-nos reformular estratégias e criar um trajeto que tivesse em vista a evolução do aluno, permitindo uma maior aprendizagem.

Quisemos seguir o que nos diz Batalha (2004), fazendo com que o processo de avaliação fosse uma forma de definir objetivos e de aumentar a interação entre professores e alunos, criando um processo educativo mais enriquecedor tornando possível, ao mesmo tempo, controlar o processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação formativa fez com que fosse possível ter um acompanhamento da evolução dos alunos e um maior controlo do processo de ensino-aprendizagem, permitindo-nos constatar o nível de cada aluno, sendo desta forma possível a reformulação de estratégias de forma a atingirmos o objetivo pretendido.

Esta avaliação foi realizada através de observações constantes de forma informal, recorrendo ao registo anedótico no plano da referida aula. Muitas das vezes recorremos ao questionamento sobre diversos aspetos, à observação do companheirismo, a entreajuda e o respeito pelas regras estipuladas.

A avaliação final corresponde à avaliação sumativa, onde é verificado se os objetivos definidos anteriormente foram realmente alcançados e se os conhecimentos foram apreendidos. Este tipo de avaliação, apesar de ter uma grande influência na nota final, não a consideramos como única, pois não é justo avaliar um aluno através de um momento único, mas sim pela evolução que este demonstrou ao longo do período/ano. Por isso recorremos às observações retiradas ao longo das aulas e, através destas e da

ponderação de vários domínios, atribuímos a nota, que depois era validade pelo Professor Orientador.

Acreditamos também que o aluno deve possuir um papel ativo na atribuição da sua nota devendo este refletir sobre o seu desempenho ao longo do período. Desta forma foi pedido que os alunos se autoavaliassem e justificassem o porquê de serem merecedores daquela determinada nota. Tentámos, assim, promover uma autorreflexão crítica procurando desenvolver a autoconsciência do seu processo de aprendizagem.

Desta forma, foi pedido no final de cada período que estes preenchessem uma ficha de autoavaliação (ANEXO F), onde também poderiam atribuir a sua opinião sobre o nosso desempenho enquanto professores e deixar algumas sugestões para podermos melhorar e tornar as aulas mais motivadoras e interessantes.

Acreditamos que desta forma estamos a criar uma proximidade com os alunos e algum sentido de democratização, permitindo que os alunos se expressem dando a sua opinião em relação ao trabalho por nós desempenhado.

Esta heteroavaliação permitiu também uma maior reflexão do nosso desempenho, procurando cada vez mais aprofundar o nosso conhecimento e ir de encontro às expectativas dos alunos e continuar a trabalhar para alcançar uma maior produtividade.

2.3.1 Avaliação do Domínio Psicomotor

A avaliação do domínio psicomotor referiu-se à avaliação das capacidades físico-motoras, atribuindo-se uma valorização de 60%, estando presente os seguintes objetivos:

Tabela 1 - Componentes de Avaliação do Domínio Psicomotor

Avaliação Formativa	Empenhamento Motor – AFD	15%
	O aluno empenha-se e esforça-se ativamente na realização dos exercícios, do domínio das AFD, considerados para a aula.	
	Progressão na Aprendizagem	15%
Avaliação Sumativa	O aluno demonstra progressão/evolução a nível das habilidades/destrezas técnico, táticas e estratégicas das AFD.	
	Prova/Teste Prático – AFD	15%
	O aluno demonstra progressão/evolução a nível das habilidades/destrezas técnico, táticas e estratégicas das AFD, de acordo com as normas de referência dos programas de EF:	
	Aptidão Física – Bateria de Testes do FITNESSGRAM	15%
	O aluno demonstra capacidades em testes de Resistência Aeróbia e Testes de Aptidão Muscular e encontra-se a Zona Saudável de Aptidão Física (ZSAF –	

FitnessGram), para a sua idade.

2.3.2 Avaliação do Domínio Cognitivo

O domínio cognitivo teve uma ponderação de 20%, permitindo ao professor de EF atribuir uma maior importância ao domínio psicomotor, privilegiando o caráter prático da disciplina. Foram considerados os seguintes fatores:

Tabela 2- Componentes de Avaliação do Domínio Cognitivo

Avaliação Sumativa	Prova/Teste Escrito Individual	15%
	O aluno realiza uma prova/teste escrito individual acerca das matérias de ensino.	
Avaliação Formativa	Trabalho de Grupo	5%
	O aluno realiza trabalho de grupo acerca das matérias de ensino.	

A formação dos grupos de trabalho foi livre, permitindo aos alunos escolher os seus colegas de grupo. Pretendemos desta forma dar a oportunidade aos alunos de trabalhar com aqueles com quem possuíam mais afinidade.

Os trabalhos de grupo referentes ao 1º período recaíram sobre as modalidades abordadas nesse mesmo período, sendo definidos temas *à priori*, que depois eram escolhidos pelos grupos (ANEXO G).

Pretendemos neste período um trabalho mais teórico, onde fosse desenvolvido a capacidade de pesquisa e de seleção de informação pertinente.

No 2º período optamos pelo mesmo molde, definido temas, onde os alunos teriam de escolher novamente o tema para o seu trabalho. Criamos uma proposta de índice (ANEXO H), que foi enviada para os alunos via *e-mail*. Os mesmos foram entregues por via eletrónica evitando, desta forma, que os alunos tivessem de pagar a impressão dos trabalhos.

No terceiro período, optámos por criar um trabalho diferente, de cariz mais prático, dando continuidade ao trabalho desenvolvido ao longo das aulas. Os alunos teriam de criar uma coreografia e apresenta-la no final do período. Para isto teriam de escolher um tema musical e através deste, com o seu grupo de trabalho, consolidando os conteúdos das aulas elaboravam a coreografia, apresentado à restante turma.

2.3.3 Avaliação do Domínio Socio Afetivo

Sendo esta uma turma de terceiro ciclo, as relações interpessoais são uma componente que devemos trabalhar devido à faixa etária, promovendo a criação de valores importantes para a formação integral do aluno. Uma forma de o fazer é atribuindo uma percentagem mais elevada a este domínio desenvolvendo nos alunos uma maior preocupação enquanto membros ativos de uma sociedade.

Tabela 3- Componentes de Avaliação do Domínio Sócio Afetivo

Comportamento/Responsabilidade	10%
O aluno estabelece uma relação cordial com os companheiros, empenha-se e respeita os colegas e as instruções definidas pelo professor.	
Cooperação/Participação	5%
O aluno colabora, coopera e participa, com os companheiros, nas diferentes tarefas consideradas para a aula.	
Pontualidade/Equipamento EF	5%
O aluno comparece no espaço previsto para a aula, de acordo com o horário estabelecido para a mesma, devidamente equipado.	

2.4 Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica teve um papel importante na organização dos conteúdos a abordar durante o ano letivo, assim como na elaboração dos planos de aula. Esta foi o ponto de partida, que nos permitiu aferir o nível de desenvolvimento dos alunos nas diferentes matérias, identificando os pontos fortes e fracos de cada um, tentando a partir daqui individualizar o ensino.

Ao conhecermos melhor os nossos alunos, as suas lacunas e necessidades, permite-nos otimizar todo o processo de ensino-aprendizagem permitindo uma melhor rentabilização e uma maior consciencialização do planeamento a realizar.

As AD foram realizadas nas duas primeiras semanas de aulas do ano letivo, começando pelos JDC, Ginástica, Atletismo e ARE respetivamente.

Ao realizarmos este tipo de avaliação no início do ano, ficámos com um maior período de tempo para a planificação e programação das aulas que nos permitiu realizar alguns ajustamentos durante o ano letivo. De acordo com os diferentes níveis dos alunos procurámos planear as aulas respeitando os seus níveis e indo de encontro aos objetivos programáticos, adequando o ensino à turma.

Tentámos que estas aulas de AD tivessem o maior tempo de empenhamento motor possível, com um nível de motivação elevado, reduzindo o tempo de espera. Assim, organizámos as aulas de forma a motivar os alunos, para que os comportamentos acima solicitados fossem atingidos.

A avaliação da Condição Física foi realizada no dia 24 de Setembro de 2013. Os testes utilizados para a avaliação da mesma foram os apresentados pela bateria de testes *Fitnessgram*.

2.4.1 Avaliação Diagnóstica dos JDC

A avaliação dos JDC foi realizada através do jogo, tendo por base os quatro níveis de jogo propostos por Garganta (1995) citado por Ribeiro e Volossovitch (2004, p.20); jogo espontâneo, intencional, estruturado e elaborado. Optámos por este modelo uma vez que tem sido uma constante no nosso processo de formação e acreditarmos que a compreensão do jogo deverá ser o aspeto principal em todos os JDC, não descurando a importância da componente técnica.

A turma foi dividida em seis equipas de quatro elementos, que jogavam entre si. A duração dos jogos foi de 15 minutos. Foram criadas quatro estações: futebol, andebol, voleibol e basquetebol. Após os 15 minutos, os grupos trocavam de estação.

Elaborámos diversas fichas de observação (ANEXO I), onde era registada a prestação do respetivo aluno.

Feitas as avaliações iniciais, constatamos que grande parte da turma estava situada no nível de jogo intencional (nível 2), estando apenas 4 alunos num nível mais avançado, uma vez que já eram praticantes federados da modalidade. Verificamos que a ocupação do terreno e a progressão no mesmo era feito muito ao nível da bola, não existindo ainda a sensibilidade da criação de janelas de oportunidade e linhas de passe.

Em relação ao domínio da bola, verificamos que este também não era tanto, como desejaríamos, principalmente no voleibol, existindo uma interrupção constante do jogo, pela falta de sustentação da bola no ar.

2.4.2 Avaliação Diagnóstica das ARE

A AD das ARE foi realizada na primeira aula atribuída a esta modalidade. Numa primeira fase, existiu uma pequena apresentação, por parte do professor estagiário, de

pequenos conteúdos importantes nesta área. A noção de ritmo foi o primeiro aspeto a ser apresentado, uma vez que esta é a base de todo o processo das ARE. Logo de seguida foram apresentados os três aspetos fundamentais das ARE: o tempo, o espaço e a energia (Batalha, 2004).

Após isto foi pedido aos alunos que se deslocassem pelo espaço. Escolhemos diferentes músicas, com diferentes ritmos, para que os alunos tentassem se deslocar ao som da música, ao longo de todo o espaço, tentando estabelecer uma coordenação entre os movimentos realizados e a música em si. Tentámos também reforçar a importância da capacidade de expressão e a comunicação com os outros.

Foi notória a boa relação entre o movimento e o ritmo da música. No entanto, os alunos estavam muito concentrados, não tendo explorado o espaço na sua totalidade. A proximidade entre os colegas era pouca, notando-se um evitar do contacto físico entre os alunos e algum “pouco à vontade” neste sentido.

A capacidade de expressão dos alunos foi limitada, indicando alguma dificuldade neste aspeto.

Para a AD, foi criada uma ficha de observação, onde através da escala de *Likert* tentamos registar o nível dos alunos.

Verificámos que a turma não se encontrava familiarizada com as ARE, uma vez que a sua vivência nesta modalidade em contexto escolar foi pouco ou nenhum.

2.4.3 Avaliação Diagnóstica de Ginástica

A AD de ginástica foi efetuada através da realização de diferentes exercícios. Pretendemos aferir o nível de execução dos alunos nalguns elementos de ginástica de solo. Para a avaliação, criámos diferentes estações, estando em cada uma estipulado um elemento gímnico correspondente.

Notámos que a turma no seu geral possuía alguma dificuldade nesta modalidade, acentuando-se uma maior dificuldade no apoio facial invertido e na roda.

2.4.4 Avaliação Diagnóstica de Atletismo

A AD de Atletismo veio na mesma lógica que a AD de Ginástica. A turma foi dividida em grupos, distribuídos pelas diferentes estações existentes e o professor, através da sua folha de registo, ia tirando apontamentos sobre os alunos em questão.

Foi possível notar algum domínio em determinadas matérias do atletismo, nomeadamente o triplo salto, notando-se alguma motivação para a prática desta modalidade.

De uma forma geral os alunos estavam num nível mediano, não existindo nenhum aluno que se destacasse de uma forma positiva, nem de uma forma negativa. Assim, foi possível homogeneizar o processo de ensino-aprendizagem, não tendo sido necessário criar muitos exercícios com diferentes progressões para diferentes níveis de aprendizagem.

2.4.5 Avaliação Diagnóstica da Condição Física

Para a avaliação da Condição Física dos alunos, tivemos por base o protocolo da bateria de testes *Fitnessgram*. Não foram realizados todos os testes devido ao tempo reduzido. Optámos por realizar os testes definidos pelo GDEF, nomeadamente, para a aptidão aeróbia (*Vaivém*) e para a força do *core*, o teste dos abdominais,

Os alunos, no teste de *vaivém*, apresentavam algumas limitações, sendo que 11 encontram-se abaixo da zona saudável. Observámos que nos testes dos *abdominais* a maioria dos alunos encontrava-se na zona saudável, tendo ficado apenas 4 abaixo da mesma.

Olhando para a turma em geral, sentimos que existiam muitos aspetos a melhorar, levando-nos a desenvolver um trabalho de melhoria de aptidão nas componentes acima referidas, através de diferentes exercícios.

2.5 Assistência às aulas

A observação das aulas é um processo essencial para a aquisição de diversas competências, quer estejamos no papel de observador, que no papel de observado. Esta metodologia permite-nos desenvolver competências de análise e reflexão das nossas práticas pedagógicas, permitindo-nos não só uma reflexão, mas também uma melhoria nas nossas funções enquanto professor.

Acreditamos que através deste tipo de instrumentos podemos identificar pontos fortes e fracos, trabalhando no sentido de equilibrar a nossa atuação perante os nossos alunos.

No âmbito da PES, realizámos 20 observações do desempenho docente do nosso colega estagiário e do nosso professor orientador cooperante. A assistência às aulas decorreu maioritariamente ao longo do 1º e do 2º período, através da observação informal e formal, com instrumento de observação, levando-nos a reflexões constantes sobre o nosso desempenho.

Observámos semanalmente um bloco de 90 minutos do nosso colega estagiário, durante o 1º e o 2º período e, no 3º, observámos algumas aulas do nosso professor orientador cooperante.

As observações formais foram distribuídas ao longo do ano letivo, incidindo 10 observações no 1º período, 7 no 2º período e 3 no 3º período.

Numa fase inicial a nossa ficha de observação incidiu sobre o comportamento do professor, numa visão mais generalista. Desta forma não foi possível analisar situações mais específicas. No entanto, esta não deixou de ser importante, dando-nos uma visão global sobre o desempenho dos professores observados, tendo sido o ponto de partida para uma observação mais detalhada. Com o decorrer do tempo, fomos detalhando cada vez mais as dimensões a observar, com particular incidência no comportamento do professor, na diferenciação do ensino, na gestão do tempo de aula, na organização da turma e na condução da aula.

A assistência às aulas teve como objetivos primeiros o desenvolvimento de competências de análise e reflexão, tendo sido uma forma de apoio do observador e do observado, procurando sempre uma solução para o problema encontrado em conjunto com o professor orientador.

Consideramos importantes as observações presenciais pois permitiram uma reflexão aprofundada de vários aspetos. Estas reflexões foram fulcrais no nosso desempenho enquanto docentes, dando o seu contributo para a melhoria de determinados aspetos, tais como a gestão do tempo de aula, a organização da respetiva turma, e individualização do ensino, entre outros.

Todas as semanas, nas quintas-feiras, reuníamos com o orientador cooperante e refletíamos sobre a nossa prestação naquela semana, procurando minimizar os aspetos negativos e maximizar os positivos. Procurámos melhorar semana a semana o nosso desempenho.

Foi possível aferir a melhoria constante dos aspetos observados, o que se traduziu numa evolução do docente.

Consideramos que a observação das aulas com o professor cooperante, foram determinantes, no sentido em que este, devido à sua experiência, alertou-nos para inúmeras situações que podiam facilmente passar despercebidas, permitindo uma mais rápida evolução do nosso desempenho.

2.5.1 Metodologia de Observação

As observações foram realizadas ao longo do ano letivo, num total de 20 aulas com registo escrito. Optámos por observar as 20 aulas do colega e após estas, observámos 5 aulas do orientador cooperante (ANEXO J).

Estas foram realizadas através de observação direta, recorrendo a fichas de observação elaboradas de raiz por nós. O registo foi efetuado durante o decorrer dos 90 minutos de aula.

Tentámos sempre que a nossa observação não interferisse com a atividade do colega nem provocasse mudanças comportamentais nos alunos. Por isso, colocávamo-nos em locais estratégicos que dessem para observar toda a turma, sem existir um contacto direto com a mesma. Tendo em consideração estes aspetos, as observações foram realizadas na bancada.

2.5.2 Instrumentos de Observação

Como instrumentos de observação, elaborámos 2 fichas de observação, com o objetivo de observarmos os itens definidos em cada período.

No 1º período (FICHA i) começámos por observar os aspetos relacionados com a dinâmica da aula, mais precisamente o controlo da turma, a gestão do tempo, o clima da aula e as situações de aprendizagem,

Utilizámos como método de registo o “registo anedótico”, onde fomos registando o que era observado na aula e posteriormente era realizada uma pequena discussão com o colega e orientador culminando numa reflexão, sendo posteriormente enviada para ambos. Embora não fosse um método rigoroso foi possível retirar algumas conclusões sobre os aspetos acima mencionados.

Sentimos alguma dificuldade em observar determinados aspetos nas aulas, que devido à nossa inexperiência passavam despercebidos.

Aqui o papel do professor orientador foi muito importante, na medida em que muitas vezes fomos alertados para situações que nem sempre eram detetadas. A observação serviu não só para detetar lacunas por parte do colega, mas também aspetos positivos, permitindo uma otimização na atuação nas aulas, enquanto futuros professores.

A segunda ficha de observação (FICHA ii) foi referente à personalização do ensino, tendo sido esta adotada de anos anteriores, com o consentimento dos professores orientadores. Foram observadas 10 aulas nesta dimensão.

2.5.3 Dimensões observadas

2.5.3.1 Gestão do Tempo de Aula

Na Gestão do tempo de aula, procurámos determinar o Tempo Disponível para a Prática, que resulta da subtração ao Tempo Útil, os Tempos de Informação e de Organização. O Tempo de Empenhamento Motor é fundamental para a aprendizagem. No entanto este pode estar inerente a diversos fatores, sendo muito difícil conseguir uma rentabilização total do mesmo (Pieron, 1996).

No 1º período começámos por observar os aspetos relacionados com a dinâmica da aula, mais precisamente o controlo da turma, a gestão do tempo, o clima da aula e as situações de aprendizagem.

Verificámos que cada aluno possuía dificuldades distintas, nomeadamente no controlo da turma e na gestão do tempo. Acreditamos que estas duas razões estão interligadas, pois o professor ao não ter o controlo da turma aumenta o Tempo de Informação e Organização, prejudicando o tempo de Empenhamento Motor, com consequente dificuldade em cumprir as tarefas programadas no tempo estipulado.

Em relação à gestão do tempo, cremos que ao melhorar o controlo da turma, este aspeto, naturalmente, melhora também. Ao longo do período, foi possível constatar que estas situações foram sofrendo melhorias constantes permitindo que a aula fluísse de uma forma mais natural sendo progressivamente menos interrompida por problemas comportamentais.

Sentimos que este aspeto é muito importante e que uma boa gestão do tempo pode mudar completamente a organização de uma aula.

2.5.3.2 *Comportamento do Professor*

Os comportamentos manifestados pelos professores podem sugerir um determinado perfil (Sarmiento et al., 1990).

As subdimensões observadas foram: Gestão da Aula, Controlo da Turma e Organização da aula. Para além destas dimensões observou-se ainda a qualidade dos *Feedbacks* (FB) e a relação entre professor – aluno.

Na dimensão Gestão da aula, foram observados os seguintes aspetos: a apresentação dos conteúdos a abordar; o cumprimento do tempo estipulado para cada exercício e a capacidade de adaptação do professor a diferentes situações.

Na dimensão Controlo da turma, foram observados diferentes itens: colocação do professor em relação à turma; controlo dos comportamentos desviantes dos alunos; intervenção do professor, aplicação de regras e o clima de aula.

Relativamente à organização da aula foram observadas as situações de progressão dos exercícios, existindo uma crescente complexidade dos mesmos, a criação de exercícios adequados para a turma e a posição do professor em relação à turma.

Notamos que por sermos professores estagiários, deixámos muitas vezes transparecer alguma incerteza e insegurança e que os alunos ao se aperceberem disso tentaram tirar proveito da situação.

Verificámos que havia pouco controlo sobre a turma existindo, por vezes, situações em que era necessário chamar ou explicar mais do que uma vez o exercício a realizar. O facto de a turma em questão já ser do ensino secundário também potenciou este tipo de situação, uma vez que a nota de educação física deixou de contar para a média, traduzindo-se numa grande desmotivação por parte dos alunos na realização da componente prática, impondo uma maior responsabilidade ao professor de criar dinâmicas na aula que se traduzissem numa maior motivação dos alunos.

O registo das observações do 2º período seguiu a mesma lógica que o primeiro, tendo à partida os problemas observados no 1º período (gestão/controlo do tempo e da turma) já resolvidos. Desta forma estivemos dispostos a observar outros aspetos tais como o domínio do professor sobre a matéria e as estratégias utilizadas para a aplicação dos exercícios bem como as transições entre cada exercício.

Sentimos da nossa parte, neste 2º período, uma maior perspicácia nas observações, sendo possível identificar situações que anteriormente não conseguíamos

identificar sozinhos. Isto deveu-se à aquisição de alguma experiência advinda do 1º período.

Notou-se uma grande melhoria nas performances dos professores estagiários, existindo até uma maior satisfação na própria lecionação das aulas que, conseqüentemente, se traduziu numa maior satisfação dos alunos.

Aferiu-se também uma maior preocupação dos professores no planeamento das aulas e na criação de exercícios mais motivantes.

2.5.3.3 Personalização do Ensino

Uma pedagogia diferenciada deve ir ao encontro dos métodos mais favoráveis para a aprendizagem dos alunos respeitando os seus ritmos de aprendizagem e também o nível em que se encontram (Lima, 2001). Pretendemos com isto dar oportunidades de sucesso a todos os alunos.

Para isto é preciso respeitar alguns princípios inerentes, tais como o domínio da matéria e a seleção dos conteúdos mais relevantes, tudo isto feito de acordo com o nível de conhecimento dos alunos, para que seja possível um ajuste no processo de ensino-aprendizagem (Maia, 2009)

Nós, enquanto educadores, devemos lutar contra o fracasso escolar e é neste sentido que a diferenciação pedagógica e a individualização do ensino são fundamentais, estudando diferentes trajetórias e estratégias de diferenciação de intervenção para que seja possível a obtenção de resultados positivos.

Foi neste sentido que considerámos importante a observação desta dimensão de modo a nos auto consciencializarmos das nossas práticas relativas à individualização do ensino.

Tentámos trabalhar neste sentido aquando da formação dos grupos, na atribuição de tarefas, na constituição dos grupos e no momento em que eram realizadas diversas tarefas.

3. ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR

3.1 Edição 2013/2014 do “Festival de desporto da Levada”

Com esta iniciativa pretendemos envolver a comunidade escolar em diversas práticas desportivas bem como inculcar o gosto pela prática desportiva e dar a conhecer novas modalidades.

Este processo implicou uma logística relativamente complexa, pois exigiu uma boa articulação entre os elementos do grupo de Educação Física da Escola.

Estando o desporto bem enraizado nesta escola, tendo como prova disso o clube desportivo da Levada e o Núcleo do Desporto Escolar, que desenvolvem diversas atividades ao longo do ano, pretendemos dar continuidade a este projeto, iniciado há três anos, por alunos estagiários da Universidade da Madeira.

Neste seguimento, quisemos complementar essas atividades com um dia festivo, somente dedicado ao desporto. Tivemos como principal objetivo proporcionar aos alunos diferentes experiências desportivas, em conjunto com o desporto de alta competição. Pretendemos abranger toda a comunidade escolar e educativa, tornando este dia marcante para toda a escola.

Esta iniciativa foi discutida com os orientadores do estágio, bem como com o grupo de Educação Física. O seu planeamento foi delineado para que a sua realização coincidisse com o findar do 2º período.

Neste dia, todas as aulas de Educação Física estiveram suspensas e os alunos foram direcionados para este evento. Ambicionámos que todas as outras turmas estivessem associadas a este momento desportivo, à exceção daquelas que estiveram focalizadas nos exames nacionais.

3.1.1 Planeamento

Após a concordância por parte dos orientadores com a atividade a desenvolver, iniciamos a planificação da mesma. Nunes (2005) entende o planeamento como

“... escolha dos objetivos a médio e longo prazo e na previsão dos meios e formas para que esses objetivos tenham maiores probabilidades de serem alcançados, permitindo assim a existência de uma linha de rumo, a introdução de objetivos futuros em todas as decisões do presente e, em

simultâneo, a eliminação de pontos fracos e antecipação de ameaças do exterior, e possibilitando o desenvolvimento da organização através da definição de estratégias para o melhor aproveitamento das oportunidades.”

Consideramos esta etapa de extrema importância para o sucesso da atividade, planeando todos os recursos e meios existentes de forma a conseguirmos obter o resultado desejado.

Após o delineamento das atividades do evento procedeu-se a uma reunião com o GDEF onde foi solicitada a colaboração dos restantes docentes, para o desenvolvimento natural dos jogos. De seguida, elaborámos um cronograma (ANEXO K) das atividades, com os diversos horários e locais, as respetivas turmas assim como os professores acompanhantes.

Feito isto, passámos aos contactos com as entidades convidadas a fim de formalizar a sua presença no dia da atividade. Foram realizadas diversas circulares para passarem pelas salas de aulas com o intuito de dar a conhecer a atividade, assim como foram criadas fichas de inscrição afixadas no bar dos professores, para que estes se pudessem inscrever nas atividades.

Esta atividade foi planeada para decorrer no dia 3 de abril de 2014 de manhã.

3.1.1.1 Definição dos Jogos

O Festival de Desporto da Levada consistiu num conjunto de atividades lúdico-desportivas que decorreram nas instalações desportivas exteriores, no pavilhão gimnodesportivo e no ginásio.

A atividade foi dividida em 3 partes. A primeira parte começou as 9:00 e prolongou-se até a chegada do Clube Desportivo do Nacional (CDN). Nesta parte foram criadas diversas estações, nomeadamente, escalada, *step*, jogos tradicionais, desportos de combate e *muay-thay*.

A segunda parte, o ponto mais forte da atividade, referiu-se à chegada de alguns jogadores do plantel da equipa de futebol do Nacional. Os jogadores fizeram uma visita pela escola e em seguida deslocaram-se ao pavilhão gimnodesportivo, onde realizaram uma sessão de autógrafos e distribuíram bolas de futebol aos alunos. De seguida, realizou-se um pequeno jogo de futebol entre o CDN e os alunos do desporto escolar.

A terceira e última parte consistiu numa aula de *Zumba*, onde tivemos um grande número de participantes.

Procurámos que as atividades desenvolvidas fossem diferentes daquelas abordadas ao longo do ano letivo, permitindo que os alunos tivessem uma experiência desportiva mais enriquecedora e diversificada.

3.1.1.2 Divulgação

A divulgação da ação foi fundamental para que toda a comunidade escolar tivesse conhecimento da mesma. Esta foi feita através de cartazes (ANEXO J), *flyers* (ANEXO M) e pela plataforma digital da escola. Existiu também possibilidade da divulgação através dos *media*, nomeadamente no jornal da Região.

Sentimos, no entanto, alguma necessidade de apoio para a divulgação da atividade para outras escolas da Região, uma vez que esta é a III edição de um festival que poderá incluir pelo menos as Escolas de 1º ciclo existentes nas proximidades, desenvolvendo nesses alunos uma ligação a um espaço escolar que possivelmente irão frequentar no futuro, tal como promovendo o desenvolvimento do seu conhecimento sobre as áreas abordadas. Seria de elevado interesse que fosse possível preparar algumas turmas do 3º ciclo para receber, promover e orientar na atividade os alunos de ciclos inferiores. Desta forma os alunos sentir-se-iam mais incluídos na atividade e mais motivados pela atribuição de uma maior responsabilidade na ação, obviamente supervisionada pelos professores.

3.1.1.3 Apoios

Relativamente aos apoios, tentámos criar estas atividades sem custo algum para a escola e para nós estagiários. Desta forma, apelámos aos nossos colegas de mestrado alguma ajuda no sentido de minimizar os custos, o que foi possível devido à disponibilidade demonstrada de imediato. Todos os participantes externos mostraram também disponibilidade em participar no festival nas mesmas condições.

3.1.2 Operacionalização

A escolha desta atividade como integração no meio veio na sequência das atividades já realizadas nos anos anteriores, igualmente no âmbito do mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Em unanimidade com ambos os orientadores, assim como com o núcleo de estágio, decidimos avançar com a III Edição do Festival da Levada, que estava inserido na sequência da semana das expressões.

Desde muito cedo refletimos sobre o tipo de atividade gostaríamos de idealizar.

Inicialmente foram estabelecidos contactos informais com diversas entidades para aferir a sua disponibilidade para participarem nesta festividade. Após as confirmações, oficializámos os pedidos através de ofícios, assim como mediante *e-mails* e *faxes*.

Considerámos por bem trazer uma modalidade de renome à escola, para que o evento tivesse uma maior visibilidade, assim como um maior impacto nos *media*. Para este efeito, contactámos o Clube Desportivo Nacional para saber até que ponto estes poderiam estar envolvidos na atividade, assim como que tipo de dinâmica poderia incluir.

Realizados todos os contactos, procedemos à distribuição das turmas, envolvendo obrigatoriamente todas as turmas que tivessem no seu horário letivo a disciplina de EF. Elaborámos então um esboço da distribuição das turmas pelas atividades (em baixo apresentadas), sendo importante o papel do professor de EF neste escalonamento. Feito isto, criámos uma circular para passar pelas salas de forma a conseguir o maior número de turmas e alunos a participar neste evento. Foi colocada também uma ficha de inscrição no bar dos docentes para aqueles professores que estivessem interessados em levar as suas turmas às atividades. No dia anterior a atividade, a ficha foi recolhida, perfazendo um total de 17 turmas inscritas, o que considerámos ser um bom número, ultrapassando o número de inscrições dos anos anteriores.

Anteriormente a isto, contactámos a Diretora de Instalações de Educação Física da EBSAAS para nos certificarmos do material e das instalações que poderiam ser utilizadas no dia do evento, com vista a garantir que nada faltasse em nenhuma das estações montadas. Foi averiguado que materiais é que a escola possuía para fazermos um inventário do que seria necessário para a atividade. Felizmente para nós, não foi necessário despendir dinheiro neste aspeto, nem em nenhum outro.

Para as restantes atividades, optámos por convidar colegas nosso do Mestrado, uma vez que também estavam a estagiar, ou em vias de, para poderem tirar algumas “ideias” desta atividade, assim como algumas ideias que pudessem ser aplicadas num futuro próximo.

Desta forma ambas as partes retiravam benefícios, uma vez que a atividade ficou isenta de algum tipo de custo e houve uma valorização do trabalho dos nossos colegas, podendo-se dar a conhecer esse mesmo trabalho.

No que diz respeito à divulgação esta foi feita através de diversos meios, tais como cartazes colocados em pontos estratégicos da escola, *flyers* distribuídos pelos professores do grupo de Educação Física, correio eletrónico e uma circular que percorria as salas de aula da escola, enfatizando a presença dos jogadores profissionais do Cube Desportivo Nacional no respetivo horário.

3.1.3 Controlo e Avaliação

A atividade de integração no meio realizou-se no dia 3 de abril decorrendo durante toda a manhã. Nesta atividade procurámos incluir modalidades que não são frequentemente abordadas na disciplina de Educação Física, nomeadamente as várias modalidades de desportos de combate, aeróbica/dança, *bouldering*, jogos tradicionais, o *lacrosse*, não esquecendo futebol, momento alto do evento, graças à presença de alguns jogadores do plantel profissional do Clube Desportivo Nacional. Como se pode constatar este evento incidiu em parte nos desportos de combate porque para além de não requerer muito material estes, segundo Almada e colaboradores (2008, p.252), “têm raízes profundas no tempo, com origem nas formas de lutar ou de caçar que o homem desenvolveu durante toda a sua evolução”. Este autor destaca ainda que “privilegiam o conhecimento do eu no confronto com situações críticas (a noção de morte, mesmo que simbolizada, está sempre presente e no diálogo como outro)”. Além disto, Figueiredo (s.d) alerta que não se trata somente de restringir a disciplina de EF ao ensino das modalidades mais predominantes atualmente, como o futebol, o basquetebol ou a ginástica, mas também a outras menos divulgadas pelos meios de comunicação. Até porque na opinião deste autor “a escola não se pode alhear à procura que estas atividades sofrem fora dela: são os filmes de artes marciais, os desenhos animados, o

“Wrestling”, etc. que vão estruturando o desenvolvimento mental das nossas crianças, frente ao silêncio escolar e, por vezes, familiar”. Como benefícios dos desportos de combate, Figueiredo (s.d) realça “o respeito pelo outro, controlo da violência física o seu enquadramento social, estimulação de autoestima (autoconfiança pelo aumento da autossegurança em situações de luta, respeito pelas regras de segurança estabelecidas e a integridade física do parceiro mesmo à custa da sua vantagem”.

O facto de a escola estar bem apetrechada em termos de material fez com que fosse possível a realização destas atividades sem recorrer a equipamento externo. Um dos nossos princípios era minimizar os custos da atividade o que foi possível graças a disponibilidade de colegas e conhecidos que se dispuseram a se juntar a esta iniciativa de livre e espontânea vontade. Em contrapartida a escola bem como o núcleo de estágio davam a conhecer os serviços prestados pelas instituições por eles representadas.

Optámos por organizar essas atividades por estações de forma a rentabilizar todos os espaços e tempo de modo a podermos integrar as turmas inscritas em participar neste festival. A rotatividade acontecia a cada 45 minutos, sendo possível as várias turmas experienciarem diversas modalidades.

Tivemos o cuidado de distribuir as turmas pelas diversas atividades tendo em atenção a faixa etária e risco que cada modalidade comportava assim como a motivação/predisposição dos alunos. Verificou-se uma boa dinâmica em todas as atividades, traduzindo-se na fluidez de todo o evento. Tal facto deveu-se, entre outros fatores, à disponibilidade de todos os professores da comunidade escolar, nomeadamente do grupo de Educação Física que colaborou na orientação/distribuição dos alunos, assim como os professores dos outros grupos disciplinares que dispensaram os alunos para estes poderem participar no acontecimento. Esta iniciativa obteve uma afluência considerável, visto que estavam inscritos 592 alunos. Contudo compareceram outras que não estavam inscritas, obtendo uma média de 700 participantes.

O núcleo de estágio teve o cuidado de dar a conhecer à escola todos os participantes externos do Festival do Desporto, entregando uma folha com os respetivos nomes e instituições que representavam, para que estes pudessem entrar no recinto escolar. Verificou-se aquando da chegada do Nacional, estes foram barrados e não os deixaram entrar, originando assim um pequeno constrangimento para eles e para o núcleo de estágio, uma vez que tinha sido tudo tratado atempadamente.

O facto de no Clube Desportivo no Nacional estar presente um ex-aluno da escola fez com que existisse um maior à vontade dos restantes jogadores durante a sua visita às instalações. A distribuição dos brindes tinha sido idealizada de outra forma, no entanto por sugestão do departamento de marketing do clube e por forma a criar uma maior dinâmica, os jogadores optaram por lançar as bolas para a bancada, causando uma grande euforia aos alunos e permitindo uma maior satisfação dos mesmos.

Relativamente ao *Zumba*, gostaríamos e esperávamos que houvesse uma maior adesão por parte dos alunos, no entanto estiveram cerca de 30 indivíduos (professores e alunos) a realizar a aula.

3.1.3.1 Considerações Futuras

De uma forma muito sintetizada, consideramos que o festival teve um resultado positivo, existindo uma boa adesão da escola ao evento. O grupo disciplinar de Educação Física foi incansável, ajudando quer na organização da atividade, quer na atividade em si.

Notamos também que existiu uma boa articulação dos recursos humanos, quer professores, quer funcionários, permitindo uma boa fluidez das atividades evitando desta forma os tempos de espera demasiado longos. Isto apenas aconteceu no *Muay Thai* devido ao atraso dos instrutores, mas foram criadas estratégias para colmatar essa falha.

Para anos futuros, achamos que as atividades devem continuar a incidir naquelas que não são tão abordadas nas aulas de Educação Física, para que os alunos consigam de alguma forma vivenciar novas experiências desportivas, e tal como já fora sugerido, que se abra as portas da Escola a escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico situadas na mesma área, permitindo a criação de mais laços com a comunidade envolvente e possivelmente com futuros alunos.

4. ATIVIDADES DE INTEGRAÇÃO NO MEIO

4.1 Atividades no âmbito da Direção de Turma

4.1.1 Estudo de Caso

Um estudo de caso pode ser visto como uma forma de investigação, que se assume de uma forma peculiar sobre um determinado assunto, procurando encontrar diferentes características de forma à compreensão o fenómeno de interesse (Ponte, 2006).

No caso da prática docente, o estudo de caso pode ser determinado como um meio de alcançar o sucesso na aprendizagem dos alunos. Através deste damos atenção a problemas específicos, tornando-os objetos de estudo, acabando por arranjar alguma forma de interagir e procurar a melhor maneira de lidar com a situação.

Mais afirma Yin (1994), citado por Araújo, Pinto, Lopes, Nogueira e Pinto (2008), que o estudo de caso pode ser entendido como uma estratégia para conhecer o “como” e o “porquê” de determinado acontecimento.

A aplicabilidade de um estudo de caso em contexto real rege-se por diferentes etapas de recolha de informação, análise, interpretação e reflexão da informação obtida, realizando um estudo intensivo da situação que despoletou a atenção. O estudo de caso poderá advir de um indivíduo, de um grupo ou até de uma organização (Latorre et al., 2003 cit. por Meirinhos & Osório, 2010).

Os mesmos autores declaram que o estudo de caso deverá advir de um problema, os objetivos deverão ser claros e concisos permitindo um enquadramento teórico da investigação. Após isto serão definidos os instrumentos de recolha de informação.

4.1.2 Identificação do Problema e Caracterização do Aluno

O caso sobre o qual nos decidimos debruçar foi identificado aproximadamente dois meses após as aulas terem início, aquando do momento da realização da caracterização da turma. As respostas dadas a algumas questões relativamente simples levaram-nos a ter uma especial atenção na aluna em questão.

O confronto entre as respostas obtidas no questionário da caracterização da turma e o comportamento de isolamento durante as aulas trouxe-nos alguma inquietação. Ao observarmos mais pormenorizadamente a turma e as ligações nela existentes, apercebemo-nos de que esta aluna se encontrava muito desligada da sua turma, ficando

sempre para último na formação dos grupos ou em qualquer outra tarefa que pedíssemos para realizar.

A discente demonstrou algumas dificuldades no relacionamento com os colegas, traduzindo-se na sua pouca integração na turma, assim como uma atitude pouco responsável, faltando muitas vezes, demonstrando pouco interesse nas aulas e optando por não fazer grande parte das aulas práticas.

Neste seguimento foram surgindo outras manifestações tais como a não realização dos trabalhos não presenciais (TNP), o atraso constante no início das aulas e a falta de motivação constante. Por sua vez foi notório o crescente sentimento de adversidade da turma para a colega, uma vez que mesmo ficando em diferentes grupos de trabalho, esta não demonstrava interesse em realizar as tarefas definidas, acabando por prejudicar o seu grupo.

Ao analisarmos mais aprofundadamente o seu questionário individual, preenchido no início do ano, verificámos que a mesma tem 13 anos, vive com a mãe, divorciada, no concelho do Funchal. Ambos os pais estão empregados, manifestando assim um estatuto socioeconómico considerado estável.

Relativamente ao percurso académico aferimos que a aluna nunca reprovou nenhum ano. No entanto as suas notas traduzem-se num nível médio/baixo, o que nos levou a acreditar que o seu rendimento escolar não era tão bom quanto deveria ser. A escolha das disciplinas preferidas recaiu única e exclusivamente sobre a disciplina de expressão musical.

As respostas obtidas na secção dos hábitos de vida saudável levaram-nos a acreditar que existem muitos aspetos que poderiam e deveriam ser melhorados, nomeadamente em relação à prática de atividade física, de trinta minutos diários, como recomendado pelo *American College of Sports Medicine* (s/d).

As expetativas académicas para um futuro próximo passam pelo Conservatório-Escola das Artes da Madeira, uma das razões pela qual a aluna não se encontra satisfeita com a escola onde está inserida. Ainda manifestou o desejo em alcançar uma carreira musical.

Apesar da turma onde estava inserida ser a sua turma base desde o 2.º ciclo, todas estas contrariedades, o impedimento de ingressar no conservatório tornaram-se fatores impeditivos de esta alcançar algum sucesso escolar.

Verificámos ainda, na primeira reunião do conselho de turma, que todos os professores partilhavam a mesma opinião em relação à aluna, afirmando que esta encontrava-se muito desmotivada para a escola.

4.1.3 Definição dos objetivos

4.1.3.1 Gerais

1. Perceber a integração da aluna com a turma;
2. Definir estratégias para a integração na aluna na turma.

4.1.3.2 Específicos

1. Percecionar quais as afinidades com os colegas;
2. Combater a falta de motivação

4.1.4 Instrumentos e Recolha de Informação

Foram diversos os instrumentos utilizados para a recolha de informação. Recorremos ao questionário da caracterização da turma, a conversas informais com a aluna, que apesar de não ser um meio muito fiável traduziu-se numa boa fonte de informação, sendo um excelente instrumento para perceber a maneira como as pessoas encaram a realidade.

Através de diversas observações, que podem ser entendidas como um dos métodos interativos na recolha de informação, procurámos perceber a situação que estávamos a estudar. Foi possível observar e analisar o comportamento da estudante, podendo intervir diretamente, uma vez que nós, enquanto docentes, possuímos o papel de observadores ativos. Desta forma, pudemos compreender mais profundamente as razões que levavam a aluna a determinados comportamentos podendo intervir de uma forma mais adequada segundo o contexto da situação.

4.1.6 Metodologia Utilizada

As estratégias de intervenção são de extrema importância, permitindo ao docente a utilização de diferentes instrumentos e formas de planeamento da sua ação, ajudando o aluno a melhorar os aspetos que estão em falta.

São as ferramentas utilizadas que permitem ao professor uma compreensão da realidade e quais a solução possível para determinadas situações que poderão ajudar a optar pelas decisões mais adequadas.

A metodologia adotada recaiu sobre um diagnóstico inicial, no aconselhamento e controlo do comportamento da aluna. Realizado o panorama geral da situação, recorremos a diversas estratégias, tendo em vista a resolução do problema, que foram sendo controladas constantemente através das mudanças comportamentais.

Isto tudo tornou-se num processo cíclico, tendo sido necessários constantes reajustamentos para irmos de encontro as objetivos pretendidos.

4.1.7 Estratégias de Intervenção e Resultados Obtidos

Através da reunião inicial com todos os professores da turma, tivemos conhecimento que a esta aluna tinha acompanhamento da psicóloga da escola devido a este mesmo problema, a difícil integração na turma. Considerámos por bem falar com aquela técnica de saúde, para que esta nos pudesse elucidar mais um pouco sobre a situação da aluna.

Após a conversa com a psicóloga, esta referiu algumas questões que podem estar no centro desta problemática. Esta queria entrar no conservatório e acabar os estudos escolares na escola de música. No entanto a mãe discordou, não deixando a aluna fazer o que na realidade gostava de fazer. Ao que parece o pai não se importava que a sua filha fosse para o conservatório, o que veio agravar ainda mais a relação pouco estável que este possui com a mãe da sua filha.

A psicóloga afirmou que a aluna não queria estar naquela escola e que, como tal, não se estava a esforçar para ter boas notas, o que foi verificado através dos testes realizados, não só em educação física, mas em todas as outras disciplinas. Referiu ainda que a aluna já se encontra num grau de maturidade mais elevado, incompatibilizando ainda mais a sua relação com os restantes colegas.

Foi sugerido pela técnica de saúde que fosse aplicado um teste sociométrico (ANEXO O), para tentar perceber as ligações existentes entre a aluna e a restante turma.

Esta recolha de informação, através de diversas fontes, permitiu-nos ter uma visão de diferentes perspetivas, possibilitando-nos diversos pontos de intervenção.

As estratégias de intervenção para este estudo de caso foram definidas de acordo com os objetivos pretendidos, ou seja, melhorar a integração da aluna na turma, assim como desenvolver um maior sentido de responsabilidade na aluna, aumentando o rendimento escolar.

No início do ano letivo, no momento da formação dos grupos para a realização dos exercícios, a aluna era sempre a última aluna a ser escolhida, o que fazia com que perdesse ainda mais a motivação na realização das tarefas propostas. Como forma de contornar esta situação, nas aulas seguintes, colocámos a discente a escolher os elementos para o seu grupo. No início verificou-se que esta escolhia sempre os mesmos colegas e, por isso, fomos colocando várias restrições na formação dos grupos ao longo das aulas, como por exemplo, o grupo deveria ser misto, os colegas escolhidos deveriam ser diferentes de aula para aula, entre outros. Isto tudo com o propósito de aumentar o contacto com os alunos diversificando, cada vez mais, a constituição do grupo assim como a relação entre os alunos. Outra das estratégias foram as conversas informais com a aluna após a aula, onde foi possível saber de diversas situações que poderiam estar a perturbá-la.

Numa dessas conversas, a aluna confidenciou que estava a em lista de espera para ser operada e que teria de ser retirado este ano. A aluna afirmou que estava com medo da operação, pois nunca tinha sido submetida a nenhuma, estando muito ansiosa e nervosa. Através destas conversas foi possível saber que esta tinha ido de férias com o pai na altura da páscoa, tendo faltado, por esta razão, uma semana à escola. Por vezes a aluna já tomava a iniciativa de falar com o professora de Educação Física no final da aula para contar alguma situação mais agradável que lhe tivesse acontecido.

Criou-se uma pequena relação de confiança que permitiu à aluna confiar algumas questões mais íntimas à professora. Numa das conversas a aluna referiu o que anteriormente já tinha sido dito e pela psicóloga. Esta queria integrar o conservatório, porque não gosta da escola e que não gostava de ficar trancada numa sala a ouvir os professores falarem de coisas que não vão ser úteis e, por isso, encontrava-se muito desmotivada para a escola. Esta referiu ainda que o pai até gostava que ela fosse para o conservatório.

Nesta situação considerámos importante dar especial atenção àquilo que os alunos gostam e dar-lhes a oportunidade de fazer aquilo que realmente querem, pois a motivação no caso desta aluna seria muito maior e o seu rendimento poderia ser superior ao que tem vindo a demonstrar. Estas conversas informais permitiram com que existisse uma maior proximidade entre o professor e o aluno, mantendo um contacto regular e uma orientação da aluna para algumas situações que pudessem ser mais vantajosas para ela. Para além destas estratégias, optámos por observar a aluna fora do contexto de aula. Verificámos muitas vezes que esta se encontrava sozinha. A aluna mantinha o seu comportamento de isolamento perante os colegas, mesmo após as aulas. Quando confrontada com esta situação, a justificação dada foi a de que os “colegas só queriam saber de futebol” e as outras “raparigas só queriam saber de rapazes”. Verificámos aqui que também não existia um grande esforço por parte da aluna para se integrar na turma.

Relativamente à integração da aluna na turma, não verificámos grandes alterações, uma vez que a sua contribuição para que tal acontecesse também não foi muita. Foi com algum desânimo que vimos que a aluna, que até foi bem aceite pelos colegas no momento da realização dos grupos e outras atividades, não manifestou qualquer força de vontade em se relacionar mais com os colegas. O seu nível de desempenho também não sofreu alterações, tendo continuado com notas baixas e algumas negativas. É importante, tal como sugerido na reunião com o conselho de turma, reformular um plano de intervenção com esta aluna para que o seu rendimento aumente e para que esta se sinta feliz e realizada com o seu dia-a-dia.

4.2 Ação de Extensão Curricular

4.2.1 Justificação da Ação

Atualmente é impreterível que a Escola não seja, para os alunos, o único espaço educativo. Como tal, e colocando o aluno no centro do seu processo de aprendizagem foi projetada, em conjunto com a turma, uma atividade num espaço externo à Escola. Hoje em dia são cada vez mais os meios de informação disponíveis, principalmente com a massificação da *internet* e com a proliferação da tecnologia de acesso fácil, mas trata-se somente de informação, não de conhecimento.

Os contextos escolares externos à Escola tornam-se importantes porque permitem ao aluno ter contacto com uma nova realidade, sendo incluído num processo de ensino informal, mas num ambiente também propício ao seu desenvolvimento holístico enquanto pessoa. É também através destas atividades que se torna possível aproximar os EE da Escola, do processo educativo do aluno em contexto prático e também do seu próprio desenvolvimento.

Em tempos onde os casos de insucesso, promovidos pela ideia contínua do abandono do país por motivos profissionais e financeiros, são mais mediatizados que os casos de sucesso, torna-se estritamente necessário dar a conhecer aos jovens desta faixa etária casos de sucesso. Neste caso trata-se de um caso mundialmente conhecido, mas é evidentemente um caso de sucesso e referência para estes alunos pelos pontos em comum, tal como, a sua origem.

4.2.2 Planeamento e Organização

Inicialmente tínhamos pensado em conhecer a estrutura das Instalações do Complexo do Club Sport Marítimo, conhecendo o seu presidente, como alguns jogadores e ter um contacto direto com os mesmos. Teríamos também a oportunidade de visitar as instalações do Ginásio Ritmos & Segredos que se encontra localizado nessas mesmas instalações.

Nestas primeiras fases foram enviados diversos ofícios para as respetivas entidades estando tudo preparado para a visita. Porém, por razões profissionais, esta atividade não pôde ser realizada, sendo necessário encontrar um plano alternativo.

Foi pedido aos alunos que estes realizassem diversos grupos e que planeassem uma atividade que gostassem de fazer. Após isto, as propostas foram apresentadas à turma onde, foi escolhida a atividade que mais votos obteve. Assim sendo, a atividade escolhida foi uma visita de estudo ao museu CR7, uma vez que a grande maioria nunca tinha lá estado.

Definido o tema, foram divididas as tarefas inerentes a esta atividade: um grupo ficou responsável por contactar o museu via *e-mail* para verificar a disponibilidade e a melhor data para a visita; ficando o outro grupo com a tarefa de escolher qual o meio de transporte a utilizar.

Na aula seguinte foi agendada definitivamente a visita para o dia 6 de maio e que seria mais indicada uma deslocação à pé até ao Museu, uma vez que nem todos os alunos possuíam título de transporte para o autocarro e existia alguma impossibilidade de certos encarregados de educação levarem os alunos ao museu.

Foram elaboradas as autorizações para os encarregados de educação para que estes tivessem conhecimento da visita de estudo, sendo também solicitada a sua presença, caso existe-se interesse da sua parte.

4.2.3 Operacionalização

A ação teve lugar, tal como previsto, no dia 6 de maio. Reunimo-nos na escola pelas 11h30, a fim de controlarmos a presença dos alunos, assim como todos os recursos inerentes à atividade, saindo pouco depois em direção ao museu. Contámos com a presença de todos os alunos. A deslocação para o local foi realizada com segurança, estando sempre o professor estagiário e orientador atentos à disposição dos alunos durante o percurso.

Após a chegada ao museu fomos recebidos pelo responsável e pudemos conhecer e ver todos os trofeus do atleta madeirense, tendo ficado a conhecer melhor a sua história e o seu trajeto pessoal e profissional.

Os alunos mostraram-se muito motivados durante a visita tirando imensas fotografias e mostrando grande satisfação. A visita teve a duração de sensivelmente 45 minutos, uma vez que o tempo para as visitas de estudo são limitados. Foram tiradas algumas fotografias aos alunos com o Cristiano Ronaldo “virtual”, tendo sido estas posteriormente publicadas (com autorização) nas redes sociais.

Após a saída do museu, dirigimo-nos ao centro do Funchal, onde os alunos almoçaram. Em seguida, alguns pais foram buscar os seus educandos no local do almoço e os restantes voltaram a pé para a escola, sempre acompanhados pelos dois professores.

4.2.4 Controlo e Avaliação

Não podemos considerar que existiu um controlo e avaliação rigorosos da atividade, uma vez que não foi criado nenhum tipo de ferramenta de avaliação para tal efeito. No entanto o carácter avaliativo está sempre inerente ao processo da visita de estudo, no que concerne ao domínio sócioafetivo. O objetivo desta visita de estudo foi permitir aos alunos o contacto com um espaço educativo externo à escola, que recolhe informação sobre um exemplo de sucesso no desporto internacional. Embora não seja necessária a visita ao museu para que os alunos conhecessem o futebolista Cristiano Ronaldo, foi importante para perceberem o percurso que o levou até lá. É importante referir que no nosso contexto social atual a apresentação de exemplos de sucesso aos adolescentes é uma mais-valia, fazendo-os compreender que o trabalho contínuo e árduo produz resultados positivos. Esta visita de estudo serviu ainda para clarificar a avaliação da componente sócio-afetiva, mas através de um processo de avaliação informal, salientando-se a responsabilidade cívica e social.

É importante em atividades futuras ter sempre um plano de reserva, pois caso aconteça algum imprevisto, como foi o caso, existe uma outra solução disponível. Os alunos deverão ter um papel principal na escolha da atividade assim como na sua preparação. O professor serve apenas de guia para “encaminhar” e limar algumas arestas.

No caso específico desta atividade, considerámos que o museu deveria proporcionar uma visita guiada, pois apesar de ter sido uma visita bastante interessante, julgámos que se tivesse um guia a explicar o percurso do atleta madeirense, através de recursos pedagógicos adequados para tal, seria muito mais enriquecedor para os alunos e restantes visitantes.

Reconhecemos que a atividade foi bem conseguida. No entanto, se tivesse sido preparada em colaboração com o museu de forma atempada, poderíamos ter feito mais atividades, tornando-a mais enriquecedora.

Devido a esta atividade ter sido realizada durante semana, a presença dos EE foi limitada, uma vez que coincidiu com o horário laboral.

Consideramos que a realização desta atividade contribuiu para o desenvolvimento pleno da personalidade destes alunos, incentivando-os enquanto seres responsáveis e autónomos, tal como referido na lei de bases do sistema educativo. Foi também importante pela apresentação aos alunos de um novo contexto de aprendizagem, que não o escolar, incentivando-os a passar a informação aos seus pares e à sua família, promovendo o regresso ao espaço, ou até mesmo a passagem da informação.

5. ATIVIDADE DE NATUREZA CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA

5.1 Atividade Científico-pedagógica individual “Estratégias de Ensino das Atividades Rítmicas Expressivas”

A dança é tão remota como a vida humana, visto que esta nasceu em tempos pré-históricos (Batalha, 1983).

Hoje em dia é reconhecida a componente pedagógica da dança, sendo esta uma componente essencial para a formação integral do aluno, matéria que é de carácter obrigatório nas aulas de Educação Física nas escolas.

Além da componente social e cultural, esta matéria proporciona estruturas corporais complexas, podendo contribuir para o trabalho e aperfeiçoamento das habilidades motoras básicas, padrões fundamentais do desenvolvimento e acima de tudo o desenvolvimento de potencialidades humanas e a sua relação com o mundo (Fernandes et al., 2011).

Apesar de todas as vantagens da sua abordagem, além de ser uma matéria de carácter obrigatório, há professores que não a lecionam aos alunos, deixando a sua formação incompleta. As principais razões invocadas são a falta de conhecimento específico para lecionar a dança, além dos complexos recursos que são necessários para as aulas.

Neste contexto, e atendendo ao valor pedagógico das ARE, no âmbito da Ação Científico-Pedagógica Individual, elegemos as “Estratégias de Ensino das Atividades Rítmicas Expressivas” como tema de estudo e posterior partilha de estratégias de ensino com o GDEF da escola.

Os conteúdos da ação científico-pedagógica individual resultaram de uma pesquisa bibliográfica e o agrupamento de diversas estratégias de operacionalização das ARE, tendo por base diversos estilos de ensino.

Os nossos objetivos primeiros foram: contextualizar as ARE no PNEF; referir a importância do papel das ARE no processo de formação dos alunos; refletir sobre diferentes maneiras de operacionalização de estratégias das ARE nas aulas de EF; fornecer ao GDEF diferentes conteúdos didáticos e estratégias de operacionalização das ARE.

A ação teve lugar no dia 21 de Janeiro de 2013, pelas 14h no ginásio da escola. Teve a duração 45 minutos, tendo sido 20 minutos de exposição oral e 25 minutos de

parte prática. Estiveram presentes 11 professores, de um total de 19 do grupo de EF. Estiveram também presentes o Prof. Doutor Ricardo Alves, no papel de orientador científico, e o Mestre Adérito Nóbrega, enquanto orientador cooperante pedagógico e também delegado do grupo disciplinar e os restantes professores.

De forma a refletirmos sobre a participação dos participantes sobre a ação, assim como a avaliação da mesma, elaborámos um questionário anónimo (ANEXO N), o qual foi distribuído e preenchido após a ação.

Procurámos com este conferir a pertinência do tema da ação, a qualidade da exposição e a sua contribuição para um maior conhecimento do tema em questão.

Todos os professores afirmaram que a importância da abordagem das ARE. No entanto, 5 não as abordavam nas suas aulas, sendo os principais motivos os acima já referidos: falta de formação e conhecimento técnico.

Após a ação foi elaborado um artigo e um *poster* que foi posteriormente apresentado no Seminário de Desporto e Ciência organizado pelo Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano da Universidade da Madeira.

5.1.1 Justificação

No Plano Nacional da Educação Física (PNEF) a dança surge como matéria nuclear, (Vieira, 2007). Esta obrigatoriedade acontece porque há uma componente pedagógica muito forte, pois a dança contribui para a formação integral do aluno, nomeadamente o desenvolvimento da sensibilidade.

A dança é sinónimo de educação e confere uma excelente formação corporal, desenvolve o espírito socializador e os processos criativos, estéticos e éticos (Nanni, 1995). A dança permite ao ser humano comunicar os seus sentimentos através do corpo por meio de movimentos que expressam o seu estado de espírito e ideias, que muitas vezes são difíceis e até impossíveis de transmitir por meio da linguagem verbal.

Já no contexto escolar o Ministério da Educação (2001, pág. 183) adianta que “podemos pensar a dança como um mecanismo privilegiado para estimular os alunos a conhecer formas expressivas de pensar, perceber e compreender”. A dança nas escolas pode proporcionar momentos de prazer, espontaneidade e criatividade, onde as dificuldades de cada aluno devem ser respeitadas, devendo ser uma oportunidade para

estimular o mesmo com a finalidade de ter um melhor desenvolvimento (Ferreira, 2009).

Verderi (2000) reforça este facto, dizendo que a dança pode ser uma matéria que cria condições para se estabelecerem relações interativas com os alunos, dando-lhes também a oportunidade de conhecerem o seu próprio corpo. No entanto, nas escolas, a dança é muitas vezes utilizada apenas para festividades escolares, onde são utilizadas as coreografias elaboradas exclusivamente pelos professores para serem incorporadas nos eventos. Abordados desta maneira os conteúdos relacionados com a dança têm pouco significado para os alunos, pois são abordados de forma muito superficial (Fernandes et al., 2011). Uma coreografia bem ensaiada não cumpre o papel educativo da dança. Marques (2007, pág. 101) diz-nos que estas atividades devem permitir *“ampliar a visão e as vivências corporais dos alunos em sociedade a ponto de torna-lo um sujeito criador-pensante de uma linguagem artística transformadora”*.

A razão para se lecionar esta matéria nas escolas deve ultrapassar a obrigatoriedade do currículo. Os professores devem acreditar no valor pedagógico da dança, transmitindo tal valor para os alunos, fazendo-os gostar de dançar (Parente, 2007).

Foi por considerarmos que não possuímos o conhecimento suficiente sobre as ARE e as suas potencialidades que escolhemos este tema para a ação. Tentámos desenvolver estratégias e trabalhá-las para que os restantes professores pudessem proporcionar aos seus alunos diferentes experiências. Acreditamos que com as ARE é possível aprofundar a relação entre os alunos e o professor, o desenvolvimento da criatividade e da expressividade e acima de tudo, a noção do corpo.

5.1.2 Planeamento e Operacionalização

A ação foi planeada no decorrer do 1º período. Definido o tema, partimos à procura de suportes bibliográficos que justificassem a importância da dança no processo de formação do aluno.

Optámos por escolher alguns estilos de ensino nos quais os alunos é que detêm o “poder”, ficando o professor com um papel mais passivo, de mero orientador no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos fatores importantes a referir, que os professores já precisavam de ter algum conhecimento, foi a noção de ritmo, pois todo o movimento é composto por três elementos em interação: espaço, energia e tempo. Desta forma, foi necessário haver alguma suscetibilidade neste aspeto para que o professor conseguisse transmitir ao aluno esta noção.

Neste sentido, o professor pode utilizar o estilo comando, uma vez que explica ao aluno este processo.

Criámos também um suporte em papel com alguns exercícios e com três planos de aula, para que os restantes professores pudessem colocar em prática as ARE nas suas aulas.

Elaborámos um *Power Point* para uma breve apresentação dos aspetos mais importantes das ARE e com alguns exercícios práticos para que os professores pudessem experienciar na parte prática da ação.

O propósito seria que os professores aplicassem os mesmos exercícios com as suas turmas.

Durante a preparação da ação, recorremos ao material adquirido durante a licenciatura, nomeadamente na disciplina de dança, assim como em pedagogia. Não foram sentidas grandes dificuldades, uma vez que a afinidade com a modalidade em questão é grande, facilitando o processo de preparação da ação.

5.1.3 Controlo e Avaliação

Após o término da ação científico-pedagógica individual, pudemos aferir, através dos questionários preenchidos pelos professores participantes, a importância reconhecida das ARE enquanto matéria de ensino. No entanto, ainda existem alguns professores que optam por não abordar esta modalidade, demonstrando alguma inércia.

Os motivos referidos no questionário foram a falta de formação e falta de conhecimento técnico, razão pela qual nos foi imposta a utilização deste tema para esta ação. Para além disto alguns professores ainda mostraram pouca motivação para a abordagem das ARE no contexto de aula.

Na Escola onde realizamos a Prática de Estágio (PE), o grupo disciplinar tenta colmatar essa lacuna, definindo como obrigatória a lecionação das ARE. No entanto, acreditamos que estas medidas não deveriam ser impostas, uma vez que a dança (parte

integrante das ARE), é uma matéria considerada nuclear e como tal deverá ser sempre abordada.

Através dos resultados do questionário individual pudemos perceber que esta ação permitiu uma maior abertura dos docentes ao tema e promoveu um maior conhecimento relativamente às inúmeras estratégias distintas que podem ser utilizadas na abordagem das ARE nas aulas de EF. Desta forma, ajudámos na desmistificação da questão de que os professores precisam de ser peritos numa determinada modalidade para a poder abordar. São apenas necessários alguns conhecimentos básicos, que através da ajuda de outros elementos pedagógicos complementares podem constituir uma ferramenta de ensino simples e viável, para uma melhor a transmissão e aplicação da modalidade.

O recurso a meios audiovisuais, como vídeos elucidativos, foi uma maneira mais apelativa e motivante de abordar o tema em questão, permitindo que o nosso objetivo fosse atingido. Foi possível, desta forma e mais uma vez, mostrar que o professor pode ser apenas um mero orientador e na mesma conseguir transmitir aos alunos diferentes conhecimentos.

Pretendemos com isto demonstrar que ao utilizarmos diferentes estilos de ensino, nomeadamente estratégias divergentes como a descoberta guiada e a tarefa, os resultados podem ser igualmente ou mais satisfatórios àqueles onde o professor detém o principal papel no processo de ensino. Através da aplicação destes métodos de ensino estamos também a desenvolver diferentes capacidades criativas, críticas, de cooperação e entre ajuda, nos discentes, permitindo uma maior autonomia quer no espaço educativo como fora deste. Prevemos que o desenvolvimento da capacidade de expressão e do autoconceito permitirá aos alunos uma maior liberdade, uma vez que sentirão menos vergonha da exposição perante os seus pares, aumentando assim o nível de cumplicidade.

Os professores inquiridos sobre esta ação pedagógica individual consideraram o tema *muito pertinente* tendo referido que serviu para a clarificação de questões referentes à lecionação da ARE. Destes 11 docentes, 6 mostraram intenção de abordar as ARE na suas aulas, sendo que 3 confirmam abordá-las. No entanto, ainda assim 2 professores referiram não ter intenção de abordar o tema no contexto escolar.

5.2 Atividade Científico Pedagógica Coletiva “Matérias Nucleares e Alternativas: que potencialidades? Dança e esgrima- da teoria à prática”

Os programas curriculares podem ser encarados como um instrumento com o intuito de existir um reconhecimento maior da disciplina em questão. O Programa Nacional de Educação Física (PNEF) possui esse mesmo objetivo fazer com que a disciplina careça de um maior reconhecimento, deixando de parte as tradicionais opiniões do exercício físico vigoroso, da questão da animação, assim como da exclusividade desportiva (Ministério da Educação, 2001).

A Educação Física, assim como está estipulado no PNEF, procura construir uma aprendizagem eclética, onde o aluno possui um desenvolvimento multilateral e harmonioso, não sendo necessário especificar os conhecimentos em diversos domínios, uma vez que estes são transversais a todos (Ministério da Educação, 2001).

A divisão dos conteúdos existentes no PNEF é feita de acordo com a relação que as atividades possuem entre si e, para além disto, são apresentados também diferentes níveis de objetivos, fatores importantes na elaboração dos processos formativos, mais adequados à realidade em questão.

O professor pode, desta forma, organizar e estruturar o seu ano letivo, de acordo com as competências específicas estipuladas em cada matéria e em cada ano, sendo-lhe atribuída a responsabilidade de criar situações pedagógicas que permitam atingir os objetivos estabelecidos no PNEF.

Este (PNEF) deve ser visto como um guia, onde estão escritas diversas orientações, que após concordância dos professores de Educação Física da escola em questão, devem ser aplicadas, ultimando sempre a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Está expresso nas Finalidades do PNEF que devemos certificar a aprendizagem de diversas atividades físicas (atividades físicas desportivas; atividades físicas expressivas; atividades de exploração da natureza; jogos tradicionais), sempre com uma visão de um desenvolvimento multilateral e harmonioso, que em consequência disto, estaremos também a trabalhar diversos valores morais e sociais, tais como a responsabilidade social, cooperação, solidariedade, ética, segurança, consciência cívica, entre outras.

A aplicabilidade dos programas está assegurada, uma vez que as modalidades nucleares são aquelas que quase todas as escolas têm incluído no seu plano curricular de EF. Fala-se da inclusão de matérias/modalidades no sentido de aumentar a dimensão pedagógica da Educação Física.

O tema principal escolhido este ano letivo para as ações científico-pedagógicas recaiu sobre os Programas Nacionais de Educação Física. Este veio no sentido de saber se os programas ainda estão adequados para a realidade escolar, uma vez que a última reformulação foi elaborada há treze anos.

A partir daqui, cada núcleo de estágio tinha a liberdade de escolher um subtema que estivesse diretamente relacionado com o tema central.

Os temas escolhidos pelos núcleos de estágio tentaram respeitar uma sequência lógica para que existisse uma interligação entre os conteúdos abordados. Ficou então decidido o seguinte:

- **Núcleo de estágio da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco:** Opções Metodológicas – Da Teoria à Prática

- **Núcleo de estágio da Escola Secundária Francisco Franco:** “O PNEF e a Heterogeneidade da Prestação Motora dos Alunos – Que respostas, que soluções?”

- **Núcleo de estágio da Escola Secundária Liceu Jaime Moniz:** “Matérias Alternativas: Potencialidades e Equívocos – Basebol e Canoagem”

- **Núcleo de estágio da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva:** “Matérias Nucleares e Alternativas: que potencialidades? Dança e Esgrima da teoria à prática”

- **Núcleo de estágio da Escola Básica e Secundária Dr. Eduardo Brazão de Castro:** “Ginástica Escolar: Da Teoria à Prática”

Todo este processo de escolha dos temas levantou alguma problemática, traduzindo-se num processo complexo, perdendo algum tempo nesta fase inicial atrasando todo o processo da validação.

A escolha e contacto com os preletores ficou à responsabilidade de cada núcleo de estágio, de acordo com os objetivos que cada um queria alcançar. Ficou também à responsabilidade dos mesmos, a marcação da sala do senado para os dias em questão.

5.2.1 Planeamento e Operacionalização

A ação, tendo sido organizada pelos cinco núcleos de estágio, requereu um conjunto de sinergias entre os mesmos, para que fosse possível a elaboração do programa da ação e o devido preenchimento do documento da sua validação pela Direção Regional de Educação, perfazendo um total de 16 horas.

O módulo 5 da ação científico-pedagógica coletiva foi pensado ao longo do 1º e do 2º período, partindo à procura de suporte bibliográfico que justificasse a importância da abordagem a este tema.

Este quinto módulo, cuja temática foi dedicada às “Matérias Nucleares e Alternativas: que potencialidades? Dança e Esgrima da teoria à prática” foi realizado no dia 10 de Maio entre as 9h e as 11, na sala do Senado do Campus Universitário da Penteada. Como preletores convidados contamos com a presença de três antigos alunos desta academia, Mestre Lisa Gonçalves, Mestre Cláudio Vieira, Mestre Catarina Freitas e ainda um outro preletor vindo da universidade do Porto, Mestre em Ciências do Desporto, Álvaro Noite.

A divulgação das ações foi realizada no final e início do 3º período. Para isto, foi criado um cartaz elucidativo sobre a ação, assim como foram enviados convites via correio eletrónico. Foi criado também um *site* para a realização das inscrições *online*.

5.2.1.1 Critérios de Avaliação dos Formandos

A avaliação dos formandos foi realizada através de um inquérito distribuído no início da sessão, onde estava questionado a importância do tema a ser abordado, a clareza da exposição, a organização do evento, sobre os conteúdos da ação e sobre a dinâmica da aprendizagem.

O inquérito deveria ser entregue logo após a sessão, para ser realizada uma análise *à posteriori* pelos formandos para a sua reflexão e consequente melhoramento para situações futuras.

5.2.1.2 Estudo Exploratório

Com o objetivo de conhecermos a realidade em questão, da aplicabilidade das matérias nucleares e alternativas nas aulas de EF, nomeadamente a Dança e a Esgrima, criámos um questionário para percebermos mais um pouco sobre a situação destas matérias em algumas escolas da RAM, nomeadamente, as Escolas acolhedoras dos núcleos de estágio.

Realizámos um estudo exploratório, com o objetivo de aferir a tendência dos professores no processo de escolha das matérias a lecionar durante o ano letivo.

O questionário consistiu em dois grupos, com respostas semiabertas e fechadas. Posteriormente, o mesmo foi distribuído pelos diferentes núcleos de estágio, abrangendo um total de 60 professores.

Pretendíamos saber até que ponto as matérias nucleares e alternativas, dança e esgrima nomeadamente, eram aplicadas no contexto escolar e quais as razões para que tal não acontecesse.

Passando à análise, optámos por simplificar a questão, realizando apenas algumas tabelas de frequências para que fosse possível (ou não) encontrar alguma razão para a lecionação (ou falta desta) das matérias acima referidas.

Escolhemos algumas questões, onde era perguntado aos docentes se estes possuíam conhecimento das matérias alternativas presentes do PNEF. Obtivemos uma resposta 100% afirmativa, uma vez que basta consultar o programa para termos acesso a essa informação.

Tentando entrar um pouco mais no tema, questionámos qual o motivo de não abordarem as matérias alternativas.

O grande motivo para isto acontecer baseou-se na falta de “condições materiais” da escola perante aquela modalidade, seguido pelo fator “decisão do grupo de Educação Física”.

Serão estas justificações plausíveis para a não abordagem de diferentes modalidades? Será o professor de Educação Física incapaz de improvisar material, ou criar situações com diversas progressões que permitirão ao aluno vivenciar pelo menos, algumas experiências da modalidade em questão? O próprio PNEF estipula diferentes níveis para os alunos, onde são pedidas situações que não envolvem material específico.

Sendo a falta de conhecimento uma das justificações também apresentadas inquirimos se para colmatar essa lacuna, os professores desejavam ter mais formação e

aprofundar o conhecimento nas áreas onde sentem mais dificuldade. Mais de 90% dos professores responderam que sim. Como podemos verificar, existe um desejo, ou pelo menos assim o escreveram, de querer aprender mais. Mas será que isto corresponde à realidade?

É importante um processo de formação contínua, de inovação e acima de tudo de criação de estratégias para motivação dos alunos para as aulas.

É de realçar o facto de a dança ser uma matéria nuclear e mesmo assim, existir um contorno em volta da mesma. No entanto, verificamos que mais de 50% dos professores inquiridos já aborda a dança nas suas aulas.

5.2.2 Controlo e Avaliação

Neste quinto módulo, contámos com a presença de 30 participantes, desde professores dos grupos 620, professores da Universidade da Madeira, alunos da Licenciatura de Educação Física e Desporto, assim como alunos do curso de Mestrado em Ensino de Educação Física da Universidade da Madeira, nossos colegas, e também outros convidados.

Por razões fora no nosso alcance, não foi possível contar com a presença do Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva; do Prof. Doutor Hélio Antunes, na qualidade de moderador convidado; dos Mestres Lisa Gonçalves, Cláudio Vieira, Catarina Freitas e Álvaro Noite na qualidade de preletores; do Mestre Adérito Nóbrega, na qualidade de Orientador Cooperante da PES; do Prof. Doutor Ricardo Alves, na qualidade de professor supervisor da PES; e do Prof. Doutor Hélder Lopes, Diretor do Mestrado.

As comunicações foram realizadas pelos dois professores estagiários do Núcleo de Estágio e pelos preletores convidados. Os professores estagiários entrevistaram logo no início da ação, com a duração de sensivelmente 20 minutos a cada um, seguindo-se os preletores, com 15 minutos de intervenção, perfazendo um total de 60 minutos. As mesmas decorreram de uma forma dinâmica e fluída, provocando um agrado dos participantes, o que promoveu também o debate e a reflexão após a ação.

A plateia participou ativamente, tendo sido colocadas diversas questões aos preletores que abordaram as diferentes estratégias de aplicabilidade da dança no contexto escolar.

Este módulo teve início com as comunicações dos professores estagiários. A primeira questão incidiu sobre o PNEF, mais precisamente sobre a sua utilidade e sobre a forma como este pode ou devia ser utilizado. Logo de seguida, fizemos uma pequena comparação entre as matérias nucleares e alternativas, tentando perceber o porquê desta organização, se existiriam alguns critérios para esta distribuição.

A segunda parte da comunicação foi referente ao exemplo concreto de uma matéria nuclear, a dança, que por vezes era vista como uma matéria alternativa. Os preletores convidados tiveram a sua oportunidade de mostrar o trabalho efetuado no ano transato durante a sua PES, dando-nos algumas indicações sobre como abordar a dança de uma forma criativa e motivadora para os alunos, incentivando-os à prática desta mesma matéria.

Logo de seguida, o colega estagiário tomou controlo da ação, apresentado o trabalho efetuado sobre a matéria alternativa, mais precisamente a esgrima. Foram apresentados diferentes benefícios/vantagens da sua abordagem nas aulas, assim como diferentes formas de as utilizar conjuntamente com outras matérias.

Aqui, o Mestre Álvaro Noite, tomou palavra, apresentando diversas estratégias e diferentes jogos que podem ser utilizados para a aplicação da esgrima no contexto de aula, não sendo necessário recorrer a material específico.

Assim, numa primeira parte, fizemos um enquadramento do PNEF, falando da divisão de conteúdos e da forma como esta é realizada, da organização e estruturação do ano letivo de acordo com as competências específicas estipuladas em cada matéria e em cada ano, da responsabilidade dos professores criarem situações pedagógicas que atinjam os objetivos estipulados no PNEF, assim como devemos sempre possuir uma visão de um desenvolvimento multilateral e harmonioso, que em consequência disto, estaremos também a trabalhar diversos valores morais e sociais, tais como a responsabilidade social, cooperação, solidariedade, ética, segurança, consciência cívica, entre outras.

Na segunda parte, foram apresentados os exemplos concretos da dança e da esgrima, concluindo-se com a intervenção dos preletores e numa terceira e última parte, foram apresentados as principais conclusões do estudo exploratório realizado.

Foram apresentadas diferentes propostas de operacionalização, que no nosso entender foram vantajosas para os professores participantes, podendo estes colocá-las em prática nas suas turmas. Os meios audiovisuais foram, sem dúvida, um dos aspetos bastante referidos nesta ação, que acabaram por trazer mais-valias aos professores,

podendo estes serem utilizados como uma estratégia de ensino, facilitando ao professor a sua preparação da aula.

A comunicação da Mestre Lisa Gaspar incidiu maioritariamente sobre a interligação da dança com outras modalidades, como por exemplo o basquetebol, tentando neste sentido criar um maior gosto por esta matéria através de outras mais “aceites” no contexto escolar. Foram mostrados diversos vídeos de atividades realizadas durante a sua prática de estágio, neste sentido, o que possibilitou aferir que realmente a dança é uma matéria que pode ser transversal. A Mestre Catarina Freitas, veio neste sentido dar continuidade ao trabalho já apresentado pela preleitora anterior, mostrando o trabalho realizado durante a sua prática de estágio, assim como no ano letivo corrente, dando-nos um leque de estratégias que podem ser utilizadas nas nossas aulas e que irão certamente motivar os alunos à prática da Dança. Por fim, o Mestre Cláudio Vieira falou sobre as resistências à dança, assim como os preconceitos inerentes a esta matéria. Foram apresentados diferentes problemas e as suas respetivas soluções, criando no participante uma sensação de que afinal não é impossível abordar esta matéria no contexto de aula, nem é assim tão difícil quanto parece ser.

Considerámos que seria benéfico ter como preletores antigos alunos da Universidade da Madeira, pelo simples facto de que eles viveram o mesmo trajeto académico que nós e, no entanto, conseguiram ultrapassar as barreiras e obstáculos existentes, fazendo um trabalho considerável nesta área, ainda hoje falado por muitos professores. Pretendemos com isto valorizar o trabalho notável realizado por eles, assim como valorizar a nossa academia por formar Homens capazes de enfrentar corajosamente o mundo laboral.

O Mestre Álvaro Noite, atleta conceituado na esgrima, veio dar o seu testemunho sobre a sua experiência neste desporto enquanto atleta e enquanto treinador das camadas mais jovens. A sua apresentação veio no mesmo seguimento das realizadas já anteriormente pelos restantes preletores, apresentando um conjunto de estratégias para a realização de exercícios desta matéria no contexto de aula. Para nosso espanto, apesar de este ser formado por uma universidade diferente, notou-se que existiram algumas semelhanças na forma como os exercícios eram apresentados, existiu um fio condutor semelhante à construção dos exercícios, que eram pensados no aluno, nos objetivos que pretendíamos atingir, nos comportamentos que queríamos solicitar. Notamos com isto, que apesar de sermos de universidades e realidades diferentes, temos todos um objetivo em comum – o aluno e a sua aprendizagem.

A terceira e última parte recaiu sobre a apresentação dos resultados do estudo exploratório efetuado. Este estudo surgiu como forma de satisfação da nossa curiosidade, enquanto futuros profissionais na área. Criámos um questionário para ser aplicado nos Grupos Disciplinares de Educação Física pertencentes aos Núcleos de Estágio da Universidade da Madeira. O preenchimento do mesmo não foi de caráter obrigatório, daí a amostra não ser muito significativa. Conseguimos, no entanto, um total de 60 questionários.

Pretendemos saber até que ponto as matérias nucleares e alternativas, dança e esgrima nomeadamente, eram aplicadas no contexto escolar e quais às razões para se tal não o acontecesse.

Passando à análise, optámos por simplificar a questão, realizando apenas algumas tabelas de frequências para que fosse possível (ou não) encontrar alguma razão para a lecionação (ou falta desta) das matérias acima referidas.

Escolhemos algumas questões, onde foi perguntado aos docentes se estes possuíam conhecimento das matérias alternativas presentes do PNEF. Obtivemos uma resposta 100% afirmativa, uma vez que basta consultar o programa para termos acesso a essa informação.

Tentando entrar um pouco mais no tema, questionando qual o motivo de não abordarem as matérias alternativas tivemos como grande motivo a falta de “condições materiais” da escola perante aquela modalidade, seguido pelo fator “decisão do grupo de Educação Física”. Estes fatores não poderão ser decisivos na abordagem destas matérias, será necessário que os professores encontrem na Escola, novas soluções para a abordagem destas modalidades. É possível com poucos recursos materiais improvisar materiais de apoio que permitam a experimentação do momento e aplicação dos conhecimentos teóricos.

Sendo a falta de conhecimento uma das justificações também apresentadas, inquirimos se para colmatar essa lacuna, os professores desejavam ter mais formação e aprofundar o conhecimento nas áreas onde sentem mais dificuldade. Mais de 90% dos professores responderam que sim. Como podemos verificar, existe um desejo, ou pelo menos assim o escreveram, de querer aprender mais. Existe também a possibilidade de concretizar esse desejo através de formações que podem ser criadas e/ou sugeridas em qualquer escola da Região, que apresente uma Comissão de Formação, ou até mesmo através dos diferentes núcleos desportivos e associativos. Obviamente este processo requer a validação da Secretaria Regional de Educação e Recursos Humanos.

É importante um processo de formação contínua, de inovação e, acima de tudo, de criação de estratégias para motivação dos alunos para as aulas

Pegando nesta questão, voltámos a ponderar se realmente eram as matérias nucleares que estavam a ser rejeitadas, ou se a forma como estas estavam a ser selecionadas e aplicadas é que não era a mais “motivadora”.

Ao longo da análise do questionário deparámo-nos com algumas respostas que nos demonstraram alguma acomodação, se o podermos dizer e também alguma falta de interesse por parte de alguns professores em relação à aplicação de diferentes modalidades. Fomos confrontados com respostas muito breves, como por exemplo “*não quero*”, “*como não consta no programa anual de grupo, nunca tive essa preocupação*” e até “*como não tenho interesse, não pensei nisso*”.

Enquanto professores, agentes principais no processo de ensino-aprendizagem, devemos colocar o aluno como primeira instância e centrarmo-nos na sua formação enquanto Homem.

É importante um processo de formação contínua, de inovação e acima de tudo de criação de estratégias para motivação dos alunos para as aulas.

6. OUTRAS ATIVIDADES

Durante o ano letivo, no âmbito da PES, participámos em diversas atividades realizadas na Escola para a comunidade escolar. Estas atividades de carácter voluntário, representaram boas oportunidades para o melhoramento da interação e integração com o GDEF, bem como para desenvolvimento pessoal e profissional.

Aquando da reunião inicial com o Grupo Disciplinar foram apresentadas todas as atividades que iriam ser desenvolvidas ao longo do ano, aproveitando os membros do núcleo de estágio para proceder à apresentação e divulgação das atividades autopropostas, inseridas na prática de estágio. Embora a presença nas reuniões fosse facultativa estivemos presentes regularmente, permitindo um inclusão e familiarização com as dinâmicas do Grupo e uma maior perceção do seu papel na comunidade escolar.

Colaborámos de forma voluntária em diversas atividades realizadas pelo GDEF respetivamente no corta-mato escolar realizado nos Jardins de Santa Luzia, e nos torneios interturmas de Futsal. Esta participação levou-nos a perceber várias dinâmicas inerentes à organização de atividades para um grande número de alunos. Verificamos que existiu uma grande adesão aos eventos, tornando estas atividades em momentos festivos onde a prática desportiva se tornou o elo de ligação.

Julgamos pertinente a realização deste tipo de atividades. No entanto consideramos que é importante que as atividades sejam mais diversas, não se repetindo anualmente enfatizando umas modalidades em detrimento de outras. Acreditamos que a variação das atividades permitirá aos alunos um maior contacto com a prática desportiva despertando interesses diversos.

Estivemos ainda presentes numa sessão sobre a segurança rodoviária dinamizada por Polícia de Segurança Pública (PSP) alertando os alunos para diversos aspetos, muitos importantes, respetivos às boas práticas de cidadania.

Relativamente às reuniões de Conselho de Turma, estivemos presentes em duas das três realizadas, tendo um papel ativo no processo de avaliação. Foi-nos possível compreender o modo de funcionamento deste órgão, tal como as funções desempenhadas por cada um dos seus constituintes. Estas reuniões possibilitaram também, conhecer de forma mais próxima os contextos sociais de cada aluno da turma, tal como o seu percurso escolar.

Durante a prática letiva foram requisitados vários apoios de profissionais externos que permitiram um maior aprofundamento de algumas modalidades, tal como o Zumba (inserido no contexto das ARE) e o *Goalball* (inserido no contexto das atividades para pessoas com insuficiência visual). A colaboração de profissionais externos do contexto escolar levou a um maior enriquecimento da cultura desportiva dos alunos, proporcionando-lhes um contacto com a realidade externa à Escola e uma maior vivência desportiva.

Devido à organização dos espaços desportivos foi possível dinamizarmos, em contexto de aula, alguns jogos interturmas promovendo o espírito desportivo, o *fairplay*, e a entajuda, impulsionando a motivação dos alunos envolvidos.

A participação neste tipo de atividades fez-nos perceber, mais um pouco, o funcionamento e a dinâmica da comunidade escolar, levando-nos a perceber muitos dos processos inerentes à organização destes eventos. Foi-nos possível também compreender a importância destes acontecimentos para o enriquecimento curricular e humanos dos alunos envolvidos, assim como o desenvolvimento e/ou aprofundamento dos conhecimentos dos diferentes membros da comunidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A PES é a última fase antes de nos tornarmos detentores do título de docentes. Isto não significa que o nosso processo de aprendizagem estagne aqui, muito pelo contrário, um docente deverá ser um eterno aprendiz sempre à procura de novas descobertas, de novas maneiras de ensinar, procurando ser cada vez melhor enquanto educador.

Ser professor implica possuir bases científico-humanísticas que permitam não só fundamentar toda a prática letiva, relativamente ao conhecimento teórico-prático, mas também fundamentar-se com valores pessoais como o respeito, a solidariedade, altruísmo, capacidade crítica e criativa, fazendo fluir o processo de ensino-aprendizagem. Assim, será possível o desenvolvimento holístico dos indivíduos, potenciando a sua formação pessoal, enquanto seres autónomos, responsáveis e cidadãos ativos na comunidade. O professor possui também uma responsabilidade no processo de formação do Homem.

Durante a nossa PES tentámos sempre que possível fomentar um comportamento correto, procurando a aquisição de valores e competências, tendo sempre como objetivo primeiro a formação integral do aluno, sendo este a peça principal no processo de aprendizagem.

Acreditamos que ao longo deste ano adquirimos diversas competências que nos deram uma preparação para um futuro próximo, sermos detentores de um maior conhecimento e, através dele, conseguirmos captar e motivar os alunos. Fomos professores e aprendizes ao mesmo tempo, experimentando diversas estratégias, reconstruindo ideias, reformulando exercícios, criando atividades que contribuíssem de alguma forma para a formação de jovens.

Sentimos dificuldades em várias situações ao longo do ano, quer a nível do controlo e gestão do tempo, quer a nível do controlo da turma. O facto de a turma ser relativamente grande, tornou-se por vezes, um obstáculo, sendo necessário criar estratégias para combater esta situação. O tempo de instrução demasiado grande, em relação ao que era previsto, fez-nos atrasar muitas vezes a aula, reduzindo o tempo disponível para a prática e conseqüentemente o tempo de empenhamento motor. Os comportamentos desviantes foram uma constante e conseqüentemente os atrasos também.

A responsabilidade acrescida, para o professor, ao conduzir uma turma está integralmente ligada à sensação de segurança, que foi uma constante presente durante o decorrer do ano letivo, sendo mais notória no momento inicial. A orientação de uma turma durante o seu processo de aprendizagem, a falta de domínio completo de uma determinada modalidade e a necessidade constante da individualização do ensino, foram fatores que limitaram a nossa atuação.

É necessário ter em conta que estes alunos encontram-se na adolescência, período onde existem as maiores transformações a nível comportamental e emocional, como tal, torna-se por vezes uma barreira a dificuldade de expressão quer oral quer corporal. A comunicação e a sua aplicação nas tarefas é afetada pela falta de confiança no seu desempenho, pelo medo da rejeição perante o seu grupo de pares. Denotamos a existência de algumas barreiras na execução de algumas tarefas, mas com a aplicação de metodologias diversificadas como o trabalho por etapas e o desenvolvimento de tarefas em grupo, foram notórias as melhorias. No final do ano letivo foi possível verificar uma evolução neste sentido, existindo uma maior predisposição para a relação entre alunos, e até com o próprio professor.

Foi importante perceber que a motivação dos alunos aumentou com o desenvolvimento das tarefas, mesmo naquelas em que inicialmente estes demonstraram maior resistência.

A utilização de metodologias como o desenvolvimento de tarefas em equipa foi uma mais-valia, em particular na lecionação da ARE uma vez que aumentou a autonomia dos alunos, mesmo estes sendo acompanhados pelo docente. O desenvolvimento da tarefa desta forma permitiu reduzir as dificuldades de expressão corporal entre os alunos, desenvolvendo igualmente o seu espírito crítico, o seu espírito de equipa e de ajuda. Foi também importante para o desenvolvimento do seu sentido de responsabilidade. Estas diferentes componentes são avaliadas na componente socio-afetiva, que no 3º ciclo do Ensino Básico, representam 20% da avaliação, o que é considerado um alto, perante os outros níveis de ensino, onde esta componente tem um peso mais reduzido.

O apoio do GDEF foi bastante importante, uma vez a nossa inclusão na Escola deu-se após o período de planificação anual. Em todas as tarefas desempenhadas pelos professores estagiários foi sentido o apoio deste grupo, desde o momento da inclusão no plano anual, até à execução, divulgação e participação nos eventos. Esta adesão foi maioritariamente sentida na realização e participação da III Edição do Festival de

Desporto da Levada, ficando estes professores responsáveis por algumas estações com modalidades desportivas propostas pelo núcleo de estágio.

Os docentes de Educação Física mostraram um grande interesse na aplicação dos conteúdos abordados na Ação Pedagógica Individual, tentando arranjar estratégias de aplicação das ARE no seu contexto de aula. Desta forma prestamos o nosso apoio auxiliando na lecionação das aulas reservadas para esta matéria. Esta foi também uma forma de contribuição pelo apoio prestado por esses docentes durante o decorrer da PES.

No que concerne ao espaço escolar, podemos aferir que este se encontra muito bem equipado quer a nível de recursos espaciais, quer a nível de recursos materiais, sendo esta uma excelente instituição, tanto para um primeiro contacto com o contexto escolar como para um bom e desenvolvimento dos alunos na disciplina de Educação Física.

A comunidade educativa mostrou-se bastante presente e muito interessada na promoção de atividades, quer a nível do desporto, quer nas mais variadas áreas de ensino. É de enaltecer a boa dinâmica de todos os membros da Comunidade Educativa na participação e colaboração dentro do grande leque de atividades oferecidas pela Escola. Este fator é muito importante pois permite manter os alunos em contacto com realidades de aprendizagem externas ao contexto da sala de aula, diversificando o seu processo de aprendizagem.

No geral a prática de estágio decorreu com normalidade apesar dos constantes reajustamentos inerentes à prática letiva, em particular neste ano de escolaridade. O ano de estágio foi um ano de grande investimento profissional, aliado a um trabalho árduo e constante, mas foi um ano com resultados bastante positivos, despertando o desejo de continuar a desenvolver a prática profissional nesta área, contribuindo para a formação de muitos mais jovens.

8. RECOMENDAÇÕES

Após este ano de experiência de PES foram vários os aspetos que consideramos relevantes e a ter em conta para uma reflexão mais aprofundada, entre eles: a ligação entre as diferentes componentes do estágio e do mestrado; a nossa inclusão num novo contexto educativo; a adaptação a um calendário escolar pré-definido; o desenvolvimento da Ação-Científico Pedagógica Coletiva, e a realização menos proficiente do Estudo de Caso.

Tendo em conta que no âmbito do Mestrado existe obrigatoriamente uma frequência da PES, torna-se importante que o estagiário seja capaz de estabelecer a ligação entre a Escola (comunidade escolar, alunos, professores, entre outros) e a Universidade (Orientador Científico). Julgamos ser altamente pertinente a partilha, não só das reflexões finais mas também do processo de trabalho na PES entre os diferentes Núcleos de Estágio. O desenvolvimento das práticas pedagógicas pelos diferentes núcleos de estágio implica a aplicação de diferentes estratégias de ensino em diferentes modalidades, assim, seria uma mais-valia a partilha dessas experiências.

A nossa inclusão num novo contexto educativo enquanto docentes estagiários permitiu-nos compreender a complexidade do processo educativo e a inerente necessidade de cumprimento de prazos, deveres e obrigações, não só com os alunos mas também com toda a comunidade educativa. Foi sentida inicialmente uma maior dificuldade na gestão e calendarização das atividades autopropostas incluindo-as no já pré-definido planeamento anual da disciplina. No entanto, com a colaboração dos professores do GDEF este processo foi simplificado.

O calendário escolar para o ano letivo apresenta-se demasiado curto para um professor estagiário, uma vez que este se está a adaptar a uma nova realidade. A falta de conhecimento atempado da turma torna mais precária a possibilidade da promoção das condições essenciais para a formação e aquisição de competências dos alunos. Na nossa opinião, o grupo de alunos no primeiro ano de mestrado deveria conhecer as diferentes especificidades das escolas, as turmas, os professores cooperantes, através apenas de atividades de observação, tal como a Assistência às Aulas, a Caracterização da Turma e a presença em atividades organizadas para a comunidade escolar em geral. Assim, seria possível refletir sobre a PES, permitindo uma melhor preparação.

Relativamente a Ação Científico Pedagógica de Natureza Coletiva, é da nossa opinião que devido à sua complexidade seria importante a orientação de um professor

para a supervisão da organização da mesma. Apesar de sermos alunos de Mestrado e nos encontrarmos num educativo superior, acreditamos que ainda não possuímos as bases suficientes para a ligação entre todos os elementos que compõem este tipo de ação. Assim, existiria uma maior coerência e facilidade no processo de validação da ação permitindo uma maior fluidez no decorrer do processo, evitando-se atrasos referentes a retrocessos por erros ou falhas comunicação.

A realização do Estudo de Caso deveria ser de carácter facultativo, uma vez que as Escolas já se encontram munidas de equipas para o apoio a estes casos particulares. O sistema de ensino atual, em particular no contexto da escola onde foi desenvolvida a PES, permite que se sinalize o aluno encaminhando-o para equipas compostas por profissionais que colaborem para no desenvolvimento das suas capacidades e competências. Caso existisse a necessidade da realização de um estudo destes, certamente seria necessário que o professor estagiário acompanhasse o processo de apoio ao aluno.

Assim sendo, e como sugestões achamos que seria mais proveitoso: ou a substituição do Estudo de Caso por um desenvolvimento científico do tema a abordar na Ação Coletiva, colocando-o em prática na nossa PES aliando a componente científica à componente prática; ou a ingressão numa modalidade do Desporto Escolar, uma vez que estaríamos a ter contacto com uma realidade educativa com caracter distinto, que enfatiza a realidade competitiva.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almada, F. Fernando, C. Lopes, H. Vicente, A. & Vitória, M. (2008). *A rotura- A sistemática das atividades desportivas*. Edição VML. Torres Vedras
- Batalha, A. (2004). *Metodologia do Ensino da Dança*. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana. FMH Edições. Dança.
- Freie, P. (2003). *Professor assim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. Editora Olho d'água.
- Fernandes, R., Rocha, A., Alcades, T. (2011). *A dança como conteúdo da Educação Física escolar e os desafios da prática pedagógica*. Buenos Aires: EFDeportes.com. Ano 15, nº 153
- Ferreira, S. (2009). *Dança na escola: Um processo de criação*. Dissertação de mestrado. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
- Gama, A. & Figueiredo, S. (n.d.). *O Planeamento no Contexto Escolar*. Retirado a 20 de Junho de 2014, de: <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao04/pdf/05.pdf>
- Leal, R. (n.d.). Planeamento de ensino: peculiaridades significativas. *Revista Iberoamericana de Educación*. Brasil: Universidade de Fortaleza.
- Lima, M. (2001). *A mediateca escolar. Individualização e diferenciação do Ensino. A escola e os média*. Instituto de Inovação Educacional.
- Lopes, H. (2011). *Apontamentos das aulas de didática específica de Atletismo*. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, Universidade da Madeira.

- Maia, B. (2009). *Diferenciação Pedagógica em Educação Física no Contexto das Necessidades Educativas Especiais: Estudo de Caso numa Turma Regular do Segundo Ciclo com Alunos com Necessidades Educativas Especiais*. Porto: B.
- Marques, I. (2007). *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez.
- Ministério da Educação (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 219-229.
- Nanni, D. (1995). *Dança educação. Princípios, métodos e técnicas*. Rio de Janeiro: Editora Sprint
- Nunes, P. (2005). *Conceito de Planeamento*. Texto de apoio publicado online em:
http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/gestao/04c onc_planeamento.htm. Acesso a 3 de julho de 2014.
- Padilha, P. (2001). *Planejamento dialógico: Como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Parente, T. (2007). *O tratamento didático do conteúdo no ensino das danças tradicionais. Estudo aplicado no 2º ciclo do ensino básico*. Dissertação de mestrado. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- Piéron, M. (1992). *Pédagogie des Activités physiques et du sport. Éditions Révue E.P.S*
- Ribeiro, M. & Volossovitch, A. (2004). *Andebol 1 – O ensino do andebol dos 7 aos 10 anos*. Faculdade de Motricidade Humana; Federação de Andebol de Portugal.
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*, p. 57. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

- Sarmiento, P., Rosado, A., Rodrigues, J., Veiga, A., Ferreira, V. (1990). *Pedagogia do Desporto II. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto. Elementos de Apoio*. Faculdade de Motricidade Humana.
- Batalha, A. (1983). *As estruturas etnocoreográficas na educação*. Ludens. 7 (4). Pp. 29
- Siedentop, D. & Tannehill, D. (2000). *Developing teaching skills in physical education (fourth edition)*. Mayfield Publishing Company.
- Verderi, E. (2000). *Dança na escola*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Vieira, F. (2007). *As orientações educacionais nas (an)danças do currículo*. In. M. Moura & E. Monteiro (Eds.): *Dança em contextos educativos*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana. PP. 51 – 63
- Xavier, C. & Fernandes, C. (2011). *Diálogos Educacionais*. Campo Grande, MS, vol. 2, nº1, p.59-67, Maio.

ANEXOS

ANEXO A – RECINTOS DESPORTIVOS

Recintos Exteriores	Recintos Interiores
<ul style="list-style-type: none">• Campo 1• Campo 2• Campo 3• Campo 4	<ul style="list-style-type: none">• Ginásio• Pavilhão gimnodesportivo• piscina
Outros espaços	
<ul style="list-style-type: none">• Pista para o salto em comprimento• Sala de aulas teóricas• Gabinete da coordenadora das instalações• Sala de reuniões do grupo de EF• Balneários	

ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

QUESTIONÁRIO DE CARATERIZAÇÃO DA TURMA

Este questionário destina-se a recolher algumas informações pertinentes sobre os alunos, com o objetivo de proceder à caraterização da turma, contribuindo para um maior conhecimento da mesma e ajudando no processo de ensino/aprendizagem. As respostas são confidenciais, por isso deverão ser respondidas de forma sincera.

Nome: _____

ESCOLA

1. Há quantos anos frequentas esta escola? _____
2. Gostas da turma em que estás inserido? (Assinala com um x)
 Não gosto ___ Gosto pouco ___ Gosto ___ Gosto muito ___
- 2.1 Se não, porquê? _____
3. Quais são as duas disciplinas que mais gostas? 1º _____; 2º _____
4. Quais são as duas disciplinas que menos gostas? 1º _____;
 2º _____

FAMILIA

1. Os teus pais são: (assinala com um x apenas uma opção)

Casados ___ Divorciados ___ Viúvos ___

2. Vives com quem?

Nome parentesco	

3. Tens quarto individual? Sim ___ Não ___

3.1 Se não, partilhas o quarto com quem? _____

4. Os teus pais/encarregado de educação costumam vir a escola falar com os professores?

Sim ___ Não ___

ATIVIDADE FÍSICA

1. Da lista que se segue, escolhe as modalidades que mais gostas, ordenando-as de 1 a 8, sendo 1 a que mais gostas e 8 a que menos gostas.

Modalidades	n.º	Modalidade	n.º
Jogos desportivos coletivos(Futebol, Voleibol, Basquetebol, Andebol)		Natação	
Desportos de combate		Atividades de Exploração da Natureza (Orientação, Escalada, etc)	
Ginástica (solo, aparelhos, acrobática, rítmica)		Atletismo	
Atividades rítmicas expressivas		Jogos populares	

Desportos de raquete (ténis, badmington)	Outra:
--	--------

2. Praticas regularmente atividade física ou outro tipo de atividade (por exemplo, escuteiros, grupos de jovens, voluntariado etc) fora do âmbito da educação física? Sim ___ Não ___
- 2.1 Se sim:

Modalidade/Atividade	n.º de vezes por semana

HÁBITOS DE ESTUDO

1. Com que frequência estudas? (assinala com um x apenas uma opção)
- Todos os dias ___
- Mais de três dias por semana ___
- Menos de 3 dias por semana ___
2. Na véspera dos testes ___ Quanto tempo, em média, dedicas ao estudo?
- Menos de 1h por semana ___
- Entre 2 a 3h por semana ___
- Mais de 3h por semana ___
3. Estudas acompanhado? Sim ___ Não ___
- 3.1 Se sim, com quem? _____
4. Onde costumavas estudar? (assinala com um x a opção correta)
- Na escola ___
- Em casa, no quarto ___
- Em casa, na sala ___
- Em casa, na cozinha ___
5. Pretendes ingressar no ensino superior? Sim ___ Não ___
6. Tens computador em casa? Sim ___ Não ___
7. Tens internet em casa? Sim ___ Não ___
- 6.1 Se sim, utilizas a internet para que finalidade?
- Ajudar no estudo ___
- Conversar com os amigos ___
- Redes sociais (facebook, etc.) ___
- Jogar online ___

TEMPOS LIVRES

Quais as atividades que mais gostas de fazer nos teus tempos livres?

Ver TV ___ ; Navegar na internet ___ ; Videojogos ___ ; Ouvir música ___ ; Estar com os amigos ___ ; Passear ___ ; Ler ___ ; Praticar algum desporto ___ ; Outro?

ANEXO C – CALENDARIZAÇÃO ANUAL

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1º Período	setembro																	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D		
	outubro	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q
	Novembro	s	S	D	s	T	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	
	Dezembro	D	s	t	q	Q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	NATAL												
2º Período	Janeiro	FÉRIAS					s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s
	Fevereiro	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s			
	março	S	D	CARNAVAL			q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s
3º Período	abril	t	q	q	s	PÁSCOA															t	q	q	s								
	maio	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S
	junho	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	

- Férias ■ Feriado ■ Avaliação diagnóstico ■ Ginástica ■ Voleibol ■ Atletismo ■ Futebol ■ Andebol
■ Dança ■ Teste ■ Autoavaliação ■ Caracterização da turma ■ Estudo de caso ■ Questionário ■ A. Individual
■ Atividade para a turma ■ Festival do desporto ■ Aula teórica

ANEXO D – ESTRUTURA DE UM PLANO DE AULA



ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA
EDUCAÇÃO FÍSICA

Ano Letivo 2013/2014

Plano de aula n.º __



PROFESSOR ESTAGIÁRIO: Marlene Silva	ANO: 8º ano	TURMA: 2	DATA	INSTALAÇÃO:
N.º ALUNOS:	2º PERÍODO	Aula da U.D:	DURAÇÃO:	Unidade Didática:
RECURSOS MATERIAIS:				
SUMÁRIO:				
Objetivos Gerais:				

Conteúdo/objetivos	Estratégias/Condições de realização	Esquema gráfico	T	
			E	A
Parte Inicial				
1. Aquecimento				
Parte Fundamental				
2. Futebol				
Parte Final				
3. Alongamentos				
4. Arrumação do material				
5. Balanço da aula				

Obs:

ANEXO E – SISTEMA DE AVALIAÇÃO

DOMÍNIO PSICOMOTOR – 60%		
Avaliação Formativa	Empenhamento Motor - AFD	15%
	O aluno empenha-se e esforça-se ativamente na realização dos exercícios, do domínio das AFD, considerados para a aula.	
	Progressão na Aprendizagem	15%
O aluno demonstra progressão/evolução a nível das habilidades/destrezas técnico, táticas e estratégicas das AFD.		
Avaliação Sumativa	Prova/Teste Prático - AFD	15%
	O aluno demonstra progressão/evolução a nível das habilidades/destrezas técnico, táticas e estratégicas das AFD, de acordo com as normas de referência dos programas de EF:	
	Aptidão Física – Bateria de Testes do FITNESSGRAM	15%
	O aluno demonstra capacidades em testes de Resistência Aeróbia e Testes de Aptidão Muscular e encontra-se a Zona Saudável de Aptidão Física (ZSAF – FitnessGram), para a sua idade.	
DOMÍNIO COGNITIVO – 20%		
Avaliação Sumativa	Prova/Teste Escrito Individual	15%
	O aluno realiza uma prova/teste escrito individual acerca das matérias de ensino.	
Avaliação Formativa	Trabalho de Grupo	5%
	O aluno realiza trabalho de grupo acerca das matérias de ensino.	
DOMÍNIO SÓCIO-AFETIVO- 20%		
Avaliação Formativa	Comportamento/Responsabilidade	10%
	O aluno estabelece uma relação cordial com os companheiros, empenha-se e respeita os colegas e as instruções definidas pelo professor.	
	Cooperação/Participação	5%
	O aluno colabora, coopera e participa, com os companheiros, nas diferentes tarefas consideradas para a aula.	
	Pontualidade/Equipamento EF	5%
O aluno comparece no espaço previsto para a aula, de acordo com o horário estabelecido para a mesma, devidamente equipado.		

ANEXO F – FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO

Nome: _____ N.º _____ Data: ____ / ____ / ____

DOMÍNIO PSICOMOTOR – 60%		Nota:
Avaliação Formativa	Empenhamento Motor - AFD 15%	
	Progressão na Aprendizagem 15%	
Avaliação Sumativa	Prova/Teste Prático - AFD 15%	
	Aptidão Física – Bateria de Testes do FITNESSGRAM 15%	
DOMÍNIO COGNITIVO – 20%		
Avaliação Sumativa	Prova/Teste Escrito Individual 15%	
Avaliação Formativa	Trabalho de Grupo 5%	
DOMÍNIO SÓCIO-AFETIVO		
Avaliação Formativa	Comportamento/Responsabilidade 10%	
	Cooperação/Participação 5%	
	Pontualidade/Equipamento EF 5%	

Sistema de classificação: 1- Insuficiente; 2- Não Satisfaz; 3- Satisfaz; 4- Satisfaz Bem; 5 – Satisfaz Plenamente

Nota Final: _____

Justificação da nota final:

Gostaste das aulas de Educação Física? Sim ___ Não ___

Justifica:

ANEXO G – ESTRUTURA DO TRABALHO DO 1º PERÍODO

CABEÇALHO – (1%)

CENTRO DA CAPA (1%)

Título do Trabalho

(ex: VOLEIBOL

Passe)

RODAPÉ (3%)

Grupo:

Aluno A N.º 1

Aluno B N.º 2

Professor Cooperante: Adérito Nóbrega

Professora Estagiária: Marlene Silva

Funchal, 28 de Novembro de 2013

REGRAS PARA O TRABALHO:

- **CAPA (5%)**
- **FORMATAÇÃO (5%):**
 - Letra Times New Roman,
 - Tamanho 12,
 - Espaçamento 1,5,
 - Justificado,
 - Margens (2cm direita e esquerda e 2cm superior e inferior),
 - Títulos a negrito.
- **ESTRUTURA DO TRABALHO (90%)**

IMAGEM DO GESTO TÉCNICO/ELEMENTO GÍMNICO / NOME (10%)

1. Diz como se faz o gesto técnico apresentado na figura (15%)

2. Enuncia os principais erros que são cometidos no momento da execução (15%)

3. Achas que realizas bem o gesto/elemento acima apresentado? Justifica (50%)

Aluno A:	Aluno B:
Indica as principais dificuldades que apresentas na realização do gesto/elemento	

ANEXO H – ESTRUTURA DO TRABALHO DO 2º PERÍODO

CABEÇALHO – (1%)

CENTRO DA CAPA (1%)

Título do Trabalho

(ex: corrida de estafetas)

RODAPÉ (3%)

Grupo:

Aluno A N.º 1

Aluno B N.º 2

Professor Cooperante: Adérito Nóbrega

Professora Estagiária: Marlene Silva

Funchal, 28 de Novembro de 2013

REGRAS PARA O TRABALHO:

- **CAPA (5%)**
- **FORMATAÇÃO (5%):**
 - Letra Times New Roman,
 - Tamanho 12,
 - Espaçamento 1,5,
 - Justificado,
 - Margens (2cm direita e esquerda e 2cm superior e inferior),
 - Títulos a negrito.
- **ESTRUTURA DO TRABALHO (90%)**

IMAGEM DO APELATIVA AO TEMA DO TRABALHO (10%)

4. Cria 3 exercícios de aprendizagem do gesto técnico/tático abordado no trabalho.
(50%)

Exercício 1: _____

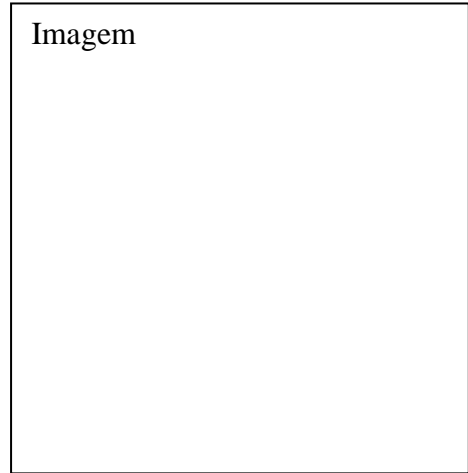
Descrição: _____

Imagem

Exercício 2: _____

Descrição: _____

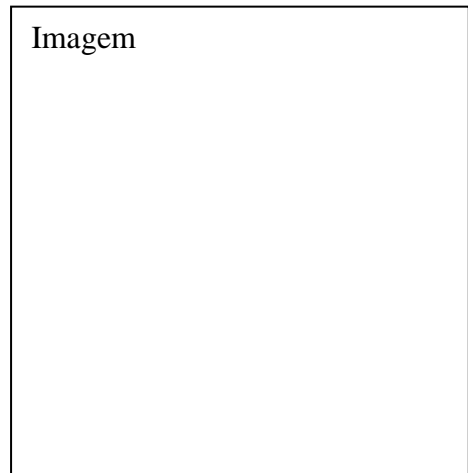
Imagem



Exercício 3: _____

Descrição: _____

Imagem



5. De 1 a 5, onde 1 é mau e 5 muito bom, como avalias o teu desempenho no gesto técnico/tático abordado no trabalho? Justifica. (30%)

Aluno A
Aluno B

ANEXO I – FOLHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DOS JDC

		Isabel	Ana	Luísa	Cláudio	Ema	Catarina	David	Gonçalo	Jéssica	André	Filipe	Miguel	J. Pedro	Tomás	Laura	Laura S.	Beatriz	Madalena	Maria	Mariana	Nélio	Olívia	Henrique	Ricardo	Vera
Jogo Espontâneo	Espaço Ocupado em função da bola																									
	Progressão no terreno em função da bola																									
	Insuficiente domínio da bola																									
	Ausência de cooperação																									
Jogo Intencional	Espaço ocupado em função dos colegas e advers.																									
	-Progressão no terreno em função da baliza																									
	Domínio instável da bola																									
	Cooperação “oportunista” intermitente																									
Jogo	Ocupação racional do espaço																									
	-Progressão em função dos colegas, adv., bola e																									

ANEXO J – CRONOGRAMA DE OBSERVAÇÃO

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1º Período	setembro																	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D		
	outubro	t	q	q	s	S	D	s	t	q	Q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q
	Novembro	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	
	Dezembro	D	s	t	q	q	s	S	D	s	T	q	q	s	S	D	s	t	q	NATAL												
2º Período	Janeiro	NATAL					s	t	q	q	S	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s
	Fevereiro	S	D	s	t	q	q	s	S	D	S	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s			
	março	S	D	CARNAVAL			q	s	S	D	S	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s
3º Período	abril	t	q	q	s	PÁSCOA															t	q	q	s								
	maio	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S
	junho	D	s	t	q	q	s	S	D	s	T	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	t	q	q	s	S	D	s	

FICHA I

Professor Observado:	Data:	Hora:	Unidade didática
Professor Observador:	Ano:	Turma:	

Professor		Observações:
Gestão da aula	Apresentação breve e concisa	
	Cumprimento do tempo estipulado para os exercícios	
	Capacidade de adaptação	
Controlo da turma	Colocação do professor em relação à turma	
	Controlo dos comportamentos desviantes dos alunos	
	Intervenção do professor	
	Aplicação das regras a	

	Clima de aula	
Organização da aula	Progressão dos exercícios (< para > complexidade)	
	Exercícios adequados ao nível dos alunos	
	Posição do professor em relação à turma	

FICHA II

Professor Observado:	Data:	Hora:	Unidade didática
Professor Observador:	Ano:	Turma:	

Introdução da aula	
Informa de forma clara e sem perda de tempo os objetivos da aula	
Relaciona com etapas anteriores da unidade didática	
Refere as regras a cumprir e cuidados a ter (comportamentos, atitudes, normas de segurança, etc.)	
Mobilização dos alunos para as atividades	
Intervém de forma sistemática, correta e estrategicamente com os alunos (individual, grupo, turma)	
Solicita a superação das suas capacidades na realização das tarefas	
Incentiva a participação nas tarefas propostas	
Organização, controlo e segurança das atividades	
Organiza a atividade de modo a cumprir os objetivos da aula	
Deteta e previne situações de risco	
Posiciona-se e circula corretamente no espaço de aula para que controle a maioria da turma	
Intervém sistematicamente na execução das tarefas	
Os alunos que não realizam a aula têm uma tarefa complementar	
Gestão dos recursos	
Faz a gestão do tempo de aula (períodos de instrução/demonstração, de organização e transição)	
Faz a gestão do material de acordo com os objetivos da aula	
Faz a gestão dos grupos constituídos de acordo com os objetivos da aula	
Adapta-se oportunamente aos seus imprevistos aumentando o Tempo de Empenhamento Motor	
Instrução/Introdução das atividades	
Explica e/ou demonstra clara e oportunamente a atividade/exercício	
Recorre quando necessário, a alguns alunos e/ou auxiliares de ensino	
Transmite com eficácia e economia de tempo	
Regulação das atividades	
Intervém de forma sistemática e eficaz na ação dos alunos	
Corrige os alunos, ciclo de feedback (FB – Acompanhamento – FB)	
Estimula os alunos (incentiva)	
Estrutura o comportamento dos alunos (disciplina/condução apropriada/socio-afetividade)	
Linguagem utilizada	
Utiliza uma linguagem clara e acessível à compreensão dos alunos	
Utiliza termos técnicos de forma oportuna e adequada	
Sequência da aula	
A aula apresenta uma estrutura coordenada, coerente, continua e sem quebras	
A intensidade e dificuldade das tarefas estão adequadas às capacidades dos	

alunos	
Conclusão da aula	
Conclui a aula de modo sereno e tranquilo	
Realiza um balanço da atividade (dando feedback aos alunos)	
Desperta os alunos para etapas seguintes da Unidade didática (extensão de conteúdos)	
Concordância com o plano de aula	
A aula decorre genericamente de acordo com o plano de aula	
Perante situações imprevistas, revela capacidade para se adaptar	
Não perde de vistas os objetivos definidos e o essencial da aula	

Legenda:

0 – Não Executa;

1 – Executa de modo genérico/inconsistente/inoportunamente/inconsciente/ com perda de tempo/insegurança;

2 – Executa adequadamente com consistência/oportunidade/consciente/sem perda de tempo/seguro;

3 – Executa de modo excelente/sistemático/consciente/oportuno/consciente sem perda de tempo/seguro.

Reflexão crítica:

ANEXO K – QUESTIONARIO DA AÇÃO INDIVIDUAL

Avaliação da Ação Científico-Pedagógica Individual

Estratégias de Ensino de Atividades Rítmicas Expressivas

O seguinte questionário tem como objetivo a Avaliação da Ação Individual. Os dados serão utilizados na produção e apresentação de um artigo científico. Estes são de caráter anónimo, como tal apelamos à sinceridade no seu preenchimento.

1. Como avalia a temática da ação? (assinale com X a sua opção)

Nada Interessante	
Pouco Interessante	
Interessante	
Muito Interessante	

2- Como avalia a exposição dos conteúdos?

	1 (Mau)	2 (Suficiente)	3 (Bom)	4 (Muito Bom)
Clara				
Objetiva				
Estruturada				
Sucinta				

3- A ação contribuiu para um enriquecimento sobre os conteúdos da ARE?

Sim	
Não	

4- Tinha conhecimento das ARE como disciplina Nuclear do Programa Nacional de Educação Física?

Sim	
Não	

5- Acha relevante a abordagem das ARE nas aulas de EF?

Sim	
Não	

6- Aborda as ARE nas suas aulas? Se respondeu Sim, o seu questionário terminou, se respondeu Não, continue o questionário.

Sim	
Não	

7. Qual o principal motivo? (Assinale com X apenas uma opção)

Falta de formação	
Falta de motivação	
Falta de recursos materiais	
Indisponibilidade dos alunos	
Outro.Qual?	

8. Pensa abordar as ARE nas suas aulas?

Sim	
Não	

Obrigada pela vossa colaboração.

ANEXO L– CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DO “FESTIVAL DE DESPORTO DA LEVADA”

Horário	Turma	Número de Alunos	Prof. Responsável	Atividade	Local
8:45 – 9:30	6/4	20	Teixeira	J.Tradicionais/escalada	Campo3/Pavilhão
	10/1	26	Adérito Nóbrega	Jiujiitsu /Dança	Pavilhão/Ginásio
	12/3	15	Castro	Lacrosse	Pavilhão
	12/4	24	Ricardo	Orientação	Porta do Pavilhão
	TGA II	18		Karaté	Campo 6
LANCHE					
9:45 – 10:30	8/2	25	Adérito Nóbrega	MUAY THAY	Pavilhão
	8/4	19	Patrícia/Acácio		
	9/2	26	Ricardo		
	PSI 1	14	Luís Filipe		
10:30 – 11:15	5/3	22	Venâncio	J.Tradicionais	Campo 3
	8/2	25	Adérito Nóbrega	Jiujiitsu/ Dança	Pavilhão/Ginásio
	9/4	23	Patrícia	Escalada/ Karaté	Pavilhão / campo 6
	PSI 1	14	Luís Filipe	Lacrosse	Pavilhão
LANCHE					
11:30 – 12:30	6/3	25	Teixeira	NACIONAL	Pavilhão
	8/6	17	Patrícia		
	9/3	25	Adelaide		
	11/2	26	Castro		
	?	?	Susana		
12:30 – 13:00	6/3	25	Teixeira	ZUMBA	Pavilhão
	7/4	17	Cristina		
	11/2	26	Castro		
	?	?	Susana		

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

III Festival de

DESPORTO

da Levada

Local: Instalações Desportivas da EBSAAS




3 de abril
Quinta-Feira

08h45m - 09h30m	09h45m - 10h30m	11h15m - 12h30m
JIU-JITSU LACROSSE ESCALADA AERÓBICA / FITBALL JOGOS TRADICIONAIS KARATÉ ORIENTAÇÃO	Demonstração de MUAY THAY 10h30m - 11h15m JIU-JITSU LACROSSE ESCALADA AERÓBICA / FITBALL JOGOS TRADICIONAIS KARATÉ ORIENTAÇÃO	CLUBE DESPORTIVO NACIONAL Jogo de FUTEBOL CD Nacional VS Alunos da EBSAAS Sessão de Autógrafos e brindes 12h30m - 13h00m ZUMBA 14h00m - 16h30m Torneio de Ténis de Campo



Entidade Organizadora: Grupo Disciplinar de Educação Física e Núcleo de Estágio

Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva

III Festival de DESPORTO da Levada



3 de abril
Quinta-Feira



Entidade Organizadora: Grupo Disciplinar de Educação Física e Núcleo de Estágio

III Festival de DESPORTO da Levada

TURNO DA MANHÃ

Início: 8h45m

Término: 13h00m

08h45m - 09h30m

Pavilhão: LACROSSE

Pavilhão: ESCALADA

Pavilhão: JIU-JITSU

Ginásio: AÉROBICA / FITBALL

Campo 3: GINCANA DE JOGOS TRADICIONAIS

Campo 6: KARATÉ

Porta do Pavilhão: ORIENTAÇÃO

09h45m - 10h30m

Demonstração de MUAY THAY

10h30m - 11h15m

Pavilhão: LACROSSE

Pavilhão: ESCALADA

Pavilhão: JIU-JITSU

Ginásio: AÉROBICA / FITBALL

Campo 3: GINCANA DE JOGOS TRADICIONAIS

Campo 6: KARATÉ

Porta do Pavilhão: ORIENTAÇÃO

11h15m

**Chegada da equipa do CLUBE
DESPORTIVO NACIONAL**

**JOGO DE FUTEBOL: NACIONAL VS
ALUNOS EBSAAS**

Sessão de Autógrafos e Brindes

12h30m - 13h00m

Pavilhão ZUMBA

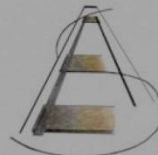
TURNO DA TARDE

Início: 14h00m

Término: 16h30m

14h00m - 16h30m

Torneio de Ténis de campo.



ANEXO O – SOCIOGRAMA

Este questionário destina-se a recolher algumas informações pertinentes no âmbito do estudo de caso sobre a integração do aluno na referida turma. Os dados aqui recolhidos serão tratados confidencialmente, servindo apenas para o estudo acima referido.

1. Escolhe 3 pessoas com as quais gostarias de fazer um trabalho.

_____;

2. Escolha 3 pessoas com as quais não gostarias de fazer um trabalho.

_____;

3. Escolhe 3 pessoas que convidarias para a tua festa de anos.

_____;

4. Escolha 3 pessoas que não convidarias para a tua festa de anos.

_____;

5. Escolhe 3 meninos/meninas com quem gostarias de “brincar”.

_____;

6. Escolhe 3 meninos/meninas com quem não gostarias de “brincar”.

_____;

7. Escolhe 3 pessoas que pensas que melhor apresentariam um trabalho.

_____;

8. Escolhe 3 pessoas que pensas que pior apresentariam um trabalho.

_____;

_____;

_____;

9. Escolhe 3 pessoas que mais respeitas/admiras.

_____;

_____;

_____;

10. Escolhe 3 pessoas que menos respeitas/admiras.

_____;

_____;

_____;

11. Indica o nome de um colega a quem contarias um segredo ou pedirias conselhos.

_____;

